UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JEAN DA ROSA CARDOSO JR

AS DIFERENÇAS ENTRE AS TÉCNICAS DA NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA EM RÁDIO E TV: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS NARRADORES PEDRO ERNESTO DENARDIM, MÁRIO LIMA, GIOVANNI MARTINELLO E GALVÃO BUENO NO ANO DE 2017

TUBARÃO

2017

JEAN DA ROSA CARDOSO JR

AS DIFERENÇAS ENTRE AS TÉCNICAS DA NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA EM RÁDIO E TV: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS NARRADORES PEDRO ERNESTO DENARDIM, MÁRIO LIMA, GIOVANNI MARTINELLO E GALVÃO BUENO NO ANO DE 2017

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Mauro Fucillini, Ms.

Tubarão

2017

JEAN DA ROSA CARDOSO JÚNIOR

AS DIFERENÇAS ENTRE AS TÉCNICAS DA NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA EM RÁDIO E TV: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS NARRADORES PEDRO ERNESTO DENARDIM, MÁRIO LIMA, GIOVANNI MARTINELLO E GALVÃO BUENO NO ANO DE 2017

Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do grau de bacharel em Jornalismo e aprovada em sua forma final, com média 8,3, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 08 de dezembro de 2017

Prof. Esp. Mauro Fucilini (Orientador) _____
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dr. Mario Abel Bressan Jr. (Convidado) _____
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dr. Mateus Vilela (convidado) _____
Universidade do Sul de Santa Catarina

Ao meu avô, Elói Fracinsco Cardoso (in memorian) dedico este meu Trabalho de Conclusão de Curso, pois ele queria estar aqui para presenciar este momento.

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade definir o que é jornalismo esportivo, além de definir os conceitos básicos do jornalismo esportivo no rádio e na TV. Foram pesquisados também, as técnicas básicas de narração esportiva de rádio e TV. Para tanto, foi realizada uma análise do discurso, com base nas narrações dos objetos de estudo citados. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de descrição e concluiu-se que o jornalismo esportivo é uma atividade informativa que trata do esporte como notícia e que o processo na produção de notícias é o mesmo de qualquer outra editoria.

Palavras-chave: Análise do discurso, Narração Futebolística, Ràdio, TV, Jornalismo Esportivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por proporcionar este momento em minha vida, diante de tudo o que passei, acredito que não estaria vivo para vivenciar este fato.

Aos meus pais, por terem paciência e compreensão neste tempo todo que estive a frente deste projeto.

Aos meus amigos, sejam ele de dentro do curso e fora dele. Em especial ao colega e radialista Eduardo Ventura, por me dar a oportunidade de entrar para o mercado de trabalho, através do departamento de esportes da Rádio Santa Catarina, além de me trazer conselhos sobre as técnicas do rádio e de jornalismo ao longo deste tempo.

Ao meu padrinho de jornalismo Giovani Martinello, por me apoiar desde o momento em que nos conhecemos, principalmente no momento mais difícil da minha carreira até aqui que foi sair da Rádio Santa Catarina, após três anos atuando lá, além de me trazer conselhos sobre o jornalismo esportivo e sobre narração esportiva, algo que este pesquisador almeja muito.

A todos os professores do curso que me ensinaram a fazer jornalismo, em especial ao professor de reportagem televisiva Rafael Mattos, por me dar a oportunidade de realizar estágio na TV além de me ensinar as técnicas de TV – meio de comunicação pelo qual almejo trabalhar futuramente, ao professor Ronaldo Amorim Sant´Anna, que me ensinou as técnicas de Rádio e ao meu orientador Mauro Fucillini, que de última hora aceitou me orientar e teve paciência o suficiente para me ensinar.

Por fim, agradeço também a equipe de Esportes da Rádio Eldorado, representada na pessoa de Dênis Luciano, que forneceu ao pesquisador o telefone de Mário Lima – que por diversas tentativas de ligar para ele, para perguntar sobre o seu histórico no rádio, não dera certo – e ainda, forneceu um trecho gravado da partida entre Náutico e Criciúma para realizar a respectiva análise.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....8

2. JORNALISMO ESPORTIVO.....10

2.1. JORNALISMO ESPORTIVO NO RÁDIO.....15

2.2. JORNALISMO ESPORTIVO NA TV.....18

3. NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE RÁDIO E TV.....21

3.1. NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE RÁDIO.....21

3.2. NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA NA TV.....26

4. METODOLOGIA.....31

5. ANÁLISE DOS LOCUTORES.....33

5.1. GALVÃO BUENO.....34

5.1.1 ANÁLISE DO JOGO BRASIL X EQUADOR 31/08/2017 – 15ª RODADA DAS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS PARA A COPA DO MUNDO RÚSSIA 2018.....35

5.2 GIOVANI MARTINELLO.....46

5.2.1. ANÁLISE DO JOGO QARABAG-AZE X ATLÉTICO DE MADRID-ESP 16/10/2017 – TERCEIRA RODADA DA LIGA DOS CAMPEÕES DA EUROPA.....47

5.3. PEDRO ERNESTO DENARDIM.....56

5.3.1 ANÁLISE DO JOGO GRÊMIO X BARCELONA DE GUAYAQUIL-EQU 01/11/2017 – SEMIFINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA.....57

5.4. MÁRIO LIMA.....74

5.4.1 ANÁLISE DA NARRAÇÃO DO JOGO ENTRE CRICIÚMA X NÁUTICO 14/11/2017 – 36ª RODADA DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE B……...75

6. CONCLUSÃO.....90

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....92

1. INTRODUÇÃO

O Jornalismo, independente da editoria em que se escreve – esportes; política, meio ambiente, turismo; economia - não muda a sua essência. Jornalismo é jornalismo. Ela pode ser propagada através do rádio, TV, jornal impresso, Web. Mas ela não muda a sua essência a natureza desta profissão é única, e está ligada as regras da ética e do interesse público. Assim descreve Barbeiro e Rangel (2006).

Dito isso, define-se o presente trabalho como tema: As Diferenças entre as Técnicas de Narração Futebolística em Rádio e TV, sendo que nela, foi realizada uma análise comparativa entre os locutores de rádio Pedro Ernesto Denardin da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, e de Mário Lima, da Rádio Eldorado de Criciúma. Entre os narradores da TV, foram escolhidos para fazer esta análise, os profissionais Giovanni Martinello, do Esporte Interativo, e de Galvão Bueno, da Rede Globo.

A escolha destes objetos de estudos se dá, pois o pesquisador tem como referência na área estes quatro profissionais.

Ao longo do confrontamento de teorias sobre o tema, será realizada uma incessante busca pela resposta ao problema de pesquisa, que consiste em saber quais as diferenças entre as técnicas de narração, adotadas pelos narradores futebolísticos de rádio e TV? A partir desta questão, tem-se como objetivo geral neste trabalho, analisar as diferenças entre as técnicas de narração, adotadas pelos narradores futebolísticos de rádio e TV. Além disso, temos um objetivo específico também que consiste em averiguar o que é jornalismo esportivo.

A escolha para este tema se torna pertinente, pois a narração esportiva é um assunto pouco abordado no jornalismo esportivo e por isso, considera-se indispensável o aprofundamento do mesmo.

Além disso, há uma questão pessoal para a escolha do tema: o pesquisador tem gosto por esta profissão desde pequeno, mais precisamente a partir dos quatro anos de idade.

Por essa razão, o pesquisador quer atuar na área em um futuro próximo e assim, quer se aprofundar no assunto para aprender e se aprimorar ainda mais sobre.

Para responder as perguntas propostas, foram pesquisados na fundamentação teórica os conceitos básicos pesquisados de jornalismo esportivo; jornalismo esportivo no rádio e jornalismo esportivo na TV. Além disso, teremos como base ainda, as técnicas pesquisadas de narração futebolística no rádio e na TV.

O método para utilizar realizar esta pesquisa foi a pesquisa qualitativa de descrição. Segundo Mota (2015), "a descrição é uma caracterização que se faz de alguma coisa, de uma pessoa e de um bicho" (MOTA, 2015, p.38).

Ainda sobre o método de pesquisa, Correa de Campos e Batista (2007), ressalta que "quando nos propomos entender o discurso do Outro, estando em um lugar privilegiado da escuta clínica, temos que ter clareza de que o nosso compromisso com a prática de pesquisa é muito grande." (CORREA DE CAMPOS; BATISTA, 2007, p.186).

O tipo de análise para este TCC, será a análise de conteúdo dos objetos escolhidos. Podemos observar, de acordo com Correa de Campos e Baptista (2007), que "a Análise de Conteúdo vem se caracterizando atualmente como mais um instrumento metodológico para a compreensão dos diversos discursos do ser humano." (CORREA DE CAMPOS; BATISTA, 2007, p265).

A maneira como será feita a análise, consiste em gravações das narrações de: Brasil e Equador, realizado no dia 31 de agosto em Porto Alegre, válido pelas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo da Rússia em 2018, narrado por Galvão Bueno da Rede Globo de Televisão; Qarabag e Atlético de Madrid, realizado no dia 16 de outubro, válido pela terceira rodada da Liga dos Campeões da Europa e narrado por Giovani Martinello dos canais Esporte Interativo; além das narrações de Grêmio e Barcelona de Guayaquil, válido pelas semifinais da Copa Libertadores da América, narrado por Pedro Ernesto Denardim da Rádio Gaúcha e Criciúma e Náutico, válido pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B e narrado por Mário Lima da Rádio Eldorado.

A partir da gravação destes jogos, foram analisados o pré-jogo e a bola rolando, de dez em dez minutos.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

Neste primeiro capítulo, será realizado um contexto sobre o jornalismo esportivo através do conceito, histórias e técnicas que são usadas no dia-a-dia desta profissão.

Antes, vamos a um breve resumo sobre o que é o jornalismo, de uma forma geral, independente da editoria.

De acordo com o site "Que Conceito" (2017), "o jornalismo é conhecido como uma atividade de fazer pública e de maneira periódica uma determinada informação de diversos tipos e conteúdos." Já o site "Significados" (2017), propõe que "o Jornalismo é a atividade informativa, realizada periodicamente e difundida através dos meios de comunicação de massas (imprensa, rádio, televisão, imprensa online)."

Para finalizar este breve conceito de jornalismo, em um artigo de autoria de Ferreira (2012) publicado no Observatório da Imprensa, retira uma breve citação do Wikipedia:

> Jornalismo é a atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Também se define o Jornalismo como a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais. Jornalismo é uma atividade de Comunicação. Em uma sociedade moderna, os meios de comunicação tornaram-se os principais fornecedores de informação e opinião sobre assuntos públicos, mas o papel do jornalismo, juntamente com outras formas de mídia, está sofrendo modificações, decorrentes da expansão da internet. Ao profissional desta área dá-se o nome de jornalista. O jornalista pode atuar em várias áreas ou veículos de imprensa, como jornais, revistas, televisão, rádio, websítios, weblogues, assessorias de imprensa, entre muitos outros. (WIKIPÉDIA, 2012, citado por FERREIRA, 2012)

Dado este breve conceito, partimos agora para o assunto principal, que é o jornalismo esportivo, fazendo um resumo do que se trata a editoria. Segundo Salviano (2010), o jornalismo esportivo é uma especialização da área da imprensa que trata do tema esporte, informando tudo sobre o assunto e seus desdobramentos.

Melo (2003), faz uma importante retratação sobre o conceito de jornalismo esportivo, quando o mesmo cria um paralelo entre o esporte e a notícia, em âmbito geral.

> Trata-se do esporte como notícia [...] Além de ocupar espaço privilegiado nos veículos de informação geral (jornal, rádio ou televisão), constitui um dos ramos importantes da segmentação da indústria jornalística, ensejando publicações especializadas no campo da mídia impressa ou programas específicos no interior da mídia audiovisual. (MELO, 2003, p.112)

Já Barbeiro e Rangel (2006), procuram mostrar através de sua tese, a forma como se trabalha no jornalismo esportivo e os meios de comunicação que se podem trabalhar nele.

> Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Os autores ainda dão uma ideia de que o jornalismo esportivo, "tem algumas diferenças, comparadas com outras editorias e muitas vezes pode ser confundida com o entretenimento" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.13).

Cabe ressaltar nesta fundamentação teórica, que quem trabalha nesta editoria, acaba correndo alguns riscos, como conta Coelho (2003). O autor salienta dois grandes riscos que para ele são considerados fundamentais para a derrocada na carreira.

> O primeiro quando se trata do profissional que se interessou pela área graças à herança deixada pelo garoto de 12 anos: é esquecer-se de que a paixão movia seu interesse pela notícia esportiva. O garoto envelhece. O ídolo que o levava ao estádio não é mais tão interessante. O esporte não oferece mais tantas novidades. Mas, sem perceber, o jornalista continua se referindo às modalidades esportivas como sua grande paixão. Ou como arremedo dela. Diz que não existe mais brilho no esporte, que não há mais craques como no passado, que os jogos não atraem tanto, que não se deve ir à praça esportiva. Justamente o contrário do que lhe ensinou o garoto de 12 anos: apaixonar-se pelo esporte. O fim da paixão é também a derrocada do profissional, que já não enxerga a razão que fez seguir o caminho do jornalismo. [...] O risco maior, no entanto, é enxergar em si próprio razão mais nobre para o interesse do leitor/ouvinte/espectador do que o esporte. Parece o limiar da loucura, mas é mais comum ver jornalistas sofrer desse mal do que se imagina. Julgar sua importância maior que a notícia é o ponto de partida para a derrocada profissional. (COELHO, 2003, p.48).

Unzelte (2009), aponta outro problema do jornalista esportivo, que é a tal da rotina, principalmente vivida pelos setoristas de clubes de futebol. Para isso, Unzelte (2009) explica que a única forma de driblar este problema é a inovação na abordagem.

> Outro problema apontado principalmente pelos setoristas de clubes de futebol é a "mesmice" que se tornou a cobertura de matéria esportiva, com seus jogos e treinos, treinos e jogos. [...] A única saída para isso é inovar na abordagem, ter ideias diferentes, criativas, que uma vez mais passam necessariamente pela elaboração de uma boa pauta. (UNZELTE, 2009, p.26)

Ainda partindo para o ponto da rotina vivida por setoristas de clubes de futebol, Barbeiro e Rangel (2006) fazem um alerta sobre dar importância a reportagens exclusivamente em cima destas rotinas, aliadas a pressa em querer informar antes que outros veículos de comunicação.

> A armadilha mais comum do jornalismo esportivo é pautar reportagens exclusivamente em cima da instantaneidade dos fatos, ou seja, treinos, jogos, etc.

> Alguns veículos são tomados pela histeria de divulgar os fatos antes e afundam no pântano da falta de credibilidade. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.25).

Para este risco, Unzelte (2009), procura dar uma solução. Ele conta que é sempre preciso checar, inclusive, checar com mais de uma fonte.

> O melhor antídoto para isso é checar, checar sempre, de preferência com mais de uma fonte. O técnico de algum time caiu mesmo? Procure falar com o próprio técnico e com algum dirigente do clube que o demitiu. Tal jogador está se transferindo de um clube para o outro? Fale com o próprio e confronte esse depoimento com as palavras oficiais do clube de onde ele está saindo, e também daquele que pretende contratá-lo. (Unzelte, 2009, p.26)

Um outro ponto importante a ser destacado no jornalismo esportivo, é sobre as novas tecnologias propostas atualmente, e que isso pode servir de ferramenta para tal profissão. Barbeiro e Rangel (2006) fazem uma relação entre o jornalista esportivo e as novas tecnologias. Os autores ressaltam que há uma nova era chamada de capitalismo informacional. Neste novo momento, o jornalista esportivo exerce mais de uma função, ou seja, tem que apurar, escrever, falar, apresentar.

Já Unzelte (2009), destaca que a internet de um modo geral é uma situação recente no Brasil, principalmente quando ela surgiu por volta dos anos 90. Por essa razão, ela pode ser chamada de nova mídia, e uma das maiores portas de entrada do jornalista esportivo.

> A Internet no Brasil [...] data da segunda metade dos anos 1990. Portanto, ainda pode ser encarada como uma nova mídia, termo que se refere a tecnologias e meios de comunicação diferentes dos canais tradicionais (veículos impressos, rádio e televisão). Nesse tempo relativamente curto, a rede mundial de computadores já se transformou não só em uma das maiores portas de entrada, mas também em campo de trabalho para os jornalistas com tempo de estrada – e entre eles, claro, mais uma vez estão os jornalistas esportivos. (UNZELTE, 2009, p.65)

O autor ainda relata que por conta do crescimento da internet no Brasil na virada dos anos 1999 e 2000, “muitos trocaram as redações em que trabalhavam havia anos (em alguns casos, décadas) para se aventurar naquela nova e tentadora ferramenta de comunicação.” (UNZELTE, 2009, p.65).

De lá para cá, a internet foi sofrendo várias mutações com a criação de diversas plataformas, redes sociais e ferramentas. Além dos portais ligados ao esporte, houveram também a criação de blogs e diversos canais do Youtube. Por essa razão, o jornalismo esportivo teve que se reinventar bastante, como mostra a autora Truyts (2016).

> A internet, como tecnologia de mediação comunicacional, permite que qualquer pessoa possa criar, distribuir e consumir conteúdos digitais. Dentro do atual cenário, o jornalismo esportivo tem que se reinventar diariamente. Não basta contar histórias,

> é necessário se preocupar constantemente em mostrar o impacto que elas causam. (TRUYTS, 2016, p.8)

Cabe ressaltar também que a especialização em algum esporte pode ser fundamental para o crescimento da carreira do jornalista esportivo, como mostra Coelho (2003). O autor destaca que a especialização em algum esporte – principalmente os menos divulgados – pode ser importante não só para o jornalista esportivo, bem como o fã deste determinado esporte.

> Especializar-se nunca é demais. A questão quando se trata de esportes olímpicos de pouca divulgação no Brasil, é saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer. Pode durar anos. Pode nunca se concretizar. Por isso, é tanto melhor saber que a escolha recai sobre essa ou aquela modalidade. Os apaixonados pelos esportes conhecidos sempre agradecerão. (COELHO, 2003, p. 51).

Morais (2003), ainda afirma que ter conhecimento prévio das modalidades e o domínio das técnicas jornalísticas são ingredientes necessários para a cobertura de um evento esportivo, como os Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo na República Dominicana, na qual Morais cobriu. Ele conta em entrevista que, diante de uma cobertura como essa, "deve-se, também, ter muita sensibilidade para identificar pautas interessantes em meio a um turbilhão de assuntos e acontecimentos durante o evento. É necessário elaborar uma boa pauta e muito planejamento editorial" (MORAIS, 2003, citado por LINHARES, 2003, pp. 47-48)

Esaa (2003), complementa esta última ideia proposta por Morais. A profissional destaca que é obrigatório que um jornalista esportivo saiba de tudo um pouco sobre os esportes que estão sendo competidos em jogos olímpicos como o Pan-Americano. Em sua declaração, a jornalista relata que "um corresponde de guerra, por exemplo, tem um background especifico de determinado conflito. Um jornalista esportivo nos Jogos Pan-Americanos deve ter conhecimentos mais que básicos desde o nado sincronizado até o basquete." (ESAA, 2003, citado por LINHARES, 2006, p.52).

Esaa ainda nos mostra que pequenos detalhes em uma prova de qualquer modalidade, num evento como este, podem ser essenciais para uma boa cobertura esportiva.

> [...] O outro fator importante é saber dar à cobertura o valor agregado, que significa ter presenciado à competição. Às vezes não é tão importante o resultado de um corredor eliminado na primeira rodada, mais sim às circunstâncias que o rodearam, o gesto com o qual cruzou a meta, as declarações que deu, aquilo que para o leitor pode aproximá-lo do mundo esportivo muito mais que o próprio resultado. (ESAA, 2003, citado por LINHARES, 2006)

Barbeiro e Rangel (2006) também destacam que o jornalista esportivo pode ser versátil e com isso, se especializar em outros esportes com menor audiência, além de ter conhecimentos gerais nos esportes populares.

Outra questão a ser ressaltada pelo pesquisador é quanto a produção de matérias do jornalismo esportivo. Quanto a este tópico, Unzelte (2009) destaca que a produção de uma matéria esportiva tem o mesmo processo como o de qualquer outra editoria: pauta apuração e redação.

Uma das formas de realizar uma boa matéria, é ter rigor na apuração dos fatos, como nos mostra Barbeiro e Rangel (2006). Os autores se mostram rigorosos quanto a esta questão proposta.

> O rigor da apuração é o olho da apuração. Sem acurácia não se pode divulgar nada. É preciso ter o máximo de informações do assunto tratado. Na apuração, o que deve predominar é a exatidão dos fatos, a qualificação e a idoneidade das fontes. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.22)

Pilhal (2003), ainda defende que o trabalho jornalista esportivo é o mesmo de qualquer outro jornalista que faça uma editoria diferente da esportiva. O jornalista ainda ressalta que o profissional deve ter totalmente sério em qualquer área da profissão e que independente da notícia passada, deve ser levado em consideração a qualidade na produção desta notícia.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO RÁDIO

Começamos este subcapítulo da fundamentação teórica falando sobre o processo do fazer jornalismo esportivo no Rádio.

Ao entrar para o rádio, várias ideias são pré-concebidas e que por muitas vezes, acabam atrapalhando o andamento do trabalho do jornalista esportivo, como ressalta Unzelte (2009). Entre estas ideias, uma que o autor destaca é sobre a voz da pessoa que entra para o rádio, principalmente para o rádio jornalismo esportivo. O autor mostra que não só a voz é fundamental, mas também a dicção da pessoa. Além disso, Unzelte destaca a credibilidade e honestidade do jornalista como fator fundamental.

> Outra ideia preconcebida, essa em relação ao rádio, é que para atuar no veículo é preciso ter um vozeirão. Isso – e mais do que isso, a dicção – ajuda, mas não é absolutamente fundamental. Principalmente no esporte, vozes antes consideradas de taquara rachada veem ganhando espaço. De maneira técnica, o que conta mesmo é a entonação clara, é se fazer entender. Quanto ao conteúdo, ao contrário do que prega o nosso folclórico radialista das primeiras linhas deste tópico, apliquem-se sempre as mesmas regras do bom jornalismo: credibilidade e honestidade, que não fazem mal a ninguém. (UNZELTE, 2009, p. 79)

Outra ideia pré-concebida, proposta por Barbeiro e Rangel (2006), que é discutida sobre o jornalista esportivo no rádio, é que as pessoas acreditam que ele pode ser comparado a um ator. Os autores mostram que "a cobertura alegre, descontraída, animada não deveria se confundir com programa humorístico. É um trabalho que é sério sem ser sisudo e respeita as regras do jornalismo como a acurácia [sic]" (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 94).

Outra ideia pré-concebida, distorcida por Unzelte (2009), é quando uma pessoa entra para este meio de comunicação e quer inventar algo, só porque no rádio, o ouvinte "não enxerga"- através de imagens - a entrevista, cobertura ou transmissão realizada. Ele conta que fazer jornalismo esportivo no rádio "não é fazer entrevistas falsas, nem enganar o ouvinte, porque isso é mau jornalismo. Assim como televisão é imagem, sim, mas também informação. Então, por que não juntar as duas coisas quando isso for possível? " (UNZELTE, 2009, p.79)

Outra questão que deve ser destacada é quanto a cobertura esportiva diária de um jornalista esportivo no rádio. O uso da agenda pode ser fundamental para uma boa cobertura como nos informa Harris e Chantler (1998). Para os autores, as anotações na agenda devem ser feitas para um bom acompanhamento do dia-a-dia dos acontecimentos.

Os autores ainda, citam um breve exemplo sobre este tipo de recurso utilizado pelo jornalista esportivo de rádio.

> Por exemplo, na segunda-feira, dia 1º, você começou a acompanhar o caso de um técnico do time local que disse que o jogador Smith ficaria sem jogar por três semanas devido a uma distensão muscular. Então, imediatamente, você registra o caso na página referente ao dia 21 e, nesse dia, pergunta ao técnico sobre a volta do jogador. Não só o técnico ficará impressionado com o fato de você estar "em cima" do acontecimento, mas isso criará também uma boa impressão junto aos ouvintes. (HARRIS; CHANTLER; 1998, p.181)

Harris e Chantler (1998), ressaltam também sobre um outro recurso utilizado no rádio jornalismo esportivo: a veiculação de boletins esportivos diários.

Os autores mostram que um bom boletim, pode ser fundamental para a credibilidade da cobertura esportiva, assim como as transmissões de jogos. De acordo com os autores, "tanto um quanto o outro devem ser seguros e informativos. As regras gerais para escrever textos esportivos são as mesmas usadas para o jornalismo em geral. A chave do sucesso é o estabelecimento de boas relações com as fontes, como os técnicos de futebol ou rugby" (HARRIS; CHANTLER, 1998, p.181)

Além do processo do fazer jornalismo esportivo, é preciso ressaltar como funciona a transmissão de um jogo de futebol, um dos carros-chefe do jornalismo esportivo.

Ainda sobre a transmissão esportiva, Barbeiro e De Lima (2001), passam ao leitor, principalmente para quem está começando no rádio jornalismo esportivo, várias dicas para uma boa transmissão esportiva e que devem ser citadas nesta fundamentação.

A primeira dica é que "na apresentação de um programa ou transmissão de uma partida deve haver distinção entre narrador, repórter e comentarista. " (BARBEIRO; DE LIMA, 2001, p.77).

Outra dica é que "na transmissão esportiva o 'lugar-comum' é constante, mas deve haver limites para que não se caia no ridículo. Fuja das frases e gírias que se desgastaram ao longo do tempo" (BARBEIRO; DE LIMA, 2001, p.77).

Os autores ainda ressaltam duas questões comportamentais do comentarista durante a transmissão esportiva. Para os autores, é preciso que o comentarista deve se prender aos fatos e não agradar uma torcida ou outra, além de conhecer as táticas, até para justificar uma opinião e saber do que se está falando

A cobertura de um evento internacional também é um dos trabalhos marcantes, assim como as transmissões de futebol. Para as coberturas, Éboli (2003), valoriza o uso da linguagem na criação de imagens para o ouvinte.

> Para começar, cobertura jornalística é uma coisa só, seja esportiva ou não. É lógico que o tema acaba sendo mais vibrante, principalmente no rádio. Você lida muito mais com a imaginação do ouvinte. Quando se trata de um evento, é importante criar uma imagem com as palavras. [...] (ÉBOLI, 2003, citado por LINHARES, 2006, p.62)

Éboli (2003), ainda destaca o esforço que o radialista deve ter ao realizar uma cobertura esportiva internacional.

> [...] você acaba sendo a única voz do seu veículo naquele lugar e é obrigado a abastecer uma ampla programação com informações sempre atualizadas. Lembro que falo isso com relação ao rádio, veículo em que trabalho. Não posso responder pelos profissionais de jornal e TV. Porém, observando os companheiros em ação, percebi que ninguém tem vida mansa. [...] (ÉBOLI, 2003, citado por LINHARES, 2006, p.62).

Além das transmissões esportivas e das coberturas dos eventos esportivos internacionais, outro recurso considerado como o carro-chefe do jornalismo esportivo são os programas de esportes. Harris e Chantler (1998) nos passam a ideia de que “a essência para um bem-sucedido programa de esportes é simples: um serviço de informações rápido, preciso e bem documentado” (HARRIS; CHANTLER, 1998, p.180).

2.2 JORNALISMO ESPORTIVO NA TV:

Após profunda conversação entre os teóricos propostos ao referido tema anterior, aprofundamos com o mesmo método o jornalismo esportivo na TV.

É preciso salientar a relação entre televisão e o esporte e que o jornalista esportivo tem o papel fundamental de ser a ponte entre o esporte e o telespectador. Para isso, o jornalista esportivo precisa ser alguém atento a tudo que acontece ao seu redor. Isso porque os bastidores de um evento esportivo são tão importantes quanto o próprio evento e o repórter passa a ter que ser alguém com atenção difusa e uma percepção apurada para notar quando fatos exteriores estão interferindo, ainda que indiretamente, no esporte. Esta declaração é reforçada e confirmada por Prado (2002), quando o referido autor explana:

> [...] o profissional do esporte tem que ser especializado para adaptar as normas gerais ao tratamento específico. Ele lida com todas as faces do jornalismo dentro de um mesmo segmento. O dia-a-dia do mundo esportivo reúne política, polícia, economia, show e até notícias internacionais [...] (PRADO, 2002, p.101)

É fundamental salientar também, o paralelismo entre imagem e texto no jornalismo esportivo de TV. Para este tema, Rezende (2000) reproduz algumas "regras de ouro" de York, jornalista da BBC de Londres ao argumentar que palavras e imagens são paralelas, ou seja, são igualmente importantes e se complementam. Além disso, pondera que os comentários jornalísticos não devem repetir o que os telespectadores conseguem ver e escutar por si só (REZENDE, 2000, p. 80). A linguagem deve, apenas, acrescentar algo de novo na informação visual.

Unzelte (2009) procura complementar a ideia proposta por Rezende, ao afirmar que as funções do jornalista esportivo no rádio e na TV são as mesmas e que a única diferença se dá por conta da imagem. O autor ainda ressalta que o repórter esportivo de TV, porém, tem uma vantagem com relação ao de rádio, de pegar sempre atletas mais bem-humorados e com vontade de conceder a entrevista, justamente pelo status e repercussão que o veículo de TV proporciona.

Ainda de acordo com Unzelte (2009), há três tipos de reportagens televisivas: O stand-up, o boletim e o VT completo. O stand-up acontece quando o repórter emite uma informação ao vivo. O boletim ocorre quando há uma entrevista com uma pessoa. Por fim, o VT completo é composto por offs, imagens, entrevistas e boletins de passagem.

Coelho (2011), cria uma breve relação entre o show e o jornalismo esportivo na TV. O autor afirma que nas transmissões, a emissora mostra que tudo é muito bonito, desde o gramado até a torcida, parecendo que a transmissão esportiva se torne mesmo um show, como os shows musicais por exemplo, diferente das outras emissoras que mostram o oposto disso.

Outra questão é quanto ao evento esportivo sob o ponto de vista do jornalismo esportivo. De acordo com Coelho (2011), "todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística estão ali, à disposição das câmeras, dos locutores, comentaristas e repórteres. É só usar o microfone e salientar o que há de bom, mostrar o que há de ruim. " (COELHO, 2011, p. 64).

Outro dado importante, é quanto a transformação da cobertura esportiva como um "show de jornalismo".Com tal avanço da tecnologia, ligado ao alto índice de audiência, logo as emissoras são procuradas por anunciantes que buscam vender seus produtos, como sugere Bezerra (2008).

> Chama a atenção, o fato de que o jornalismo está em mutação, e no segmento esportivo encontra-se em estágio avançado de mercantilização, porque, como vimos, o esporte possui elementos fortes de espetáculo e aliado à televisão e às novas tecnologias produz um show de entretenimento. (BEZERRA, 2008, p.82).

O repórter, independente da editoria, tem um grande desafio na TV todos os dias, como nos explica Bistane e Bacelar (2005). As autoras explicam que o maior desafio é "relatar com precisão e síntese" (BISTANE; BACELAR, 2005, p.13). As autoras ainda afirmam que o repórter é como se fosse um contador de histórias. E são histórias que as vezes podem terminar bem, ou não.

Se no rádio a linguagem (leia-se fala) é o fator fundamental para passar a notícia ou qualquer outra programação, na TV não é diferente. Sagra e DC Luzzato (1995) explicam de maneira detalhada que tipo de linguagem deve-se ter ao informar uma notícia, ou algo do tipo.

> A televisão é um dos veículos de comunicação mais eficientes porque lida basicamente com a linguagem oral, usada no dia-a-dia e alia a essa característica a imagem da modernidade e eficiência tecnológica. E, por ser um veículo intimista, exige uma linguagem conversada, coloquial. O que significa a utilização de uma linguagem simples, direta, objetiva, com a maior clareza possível. (SAGRA, DC LUZZATO, 1995, p.31)

Ainda quanto a linguagem, os dois autores citados anteriormente mostram que além de ser simples, a linguagem na TV tem que ser curta. E eles resumem bem isso, através de uma citação do poeta Paul Valéry: "entre duas palavras, escolha sempre a mais simples;

entre duas palavras simples, escolha a mais curta. ” (VALÉRY; citado por SAGRA; DC LUZZATO, 1995, p.32)

Quanto a notícia, Pereira Jr (2003), cita Fontcuberta (1993), quando a mesma “é uma forma de ver, perceber, e conhecer a realidade. É um autêntico sintoma social e a análise de sua produção lança muitas pistas sobre o mundo que nos cerca.” (FONTCUBERTA, 1993, p.205 citado por PEREIRA JR, 2003, p. 64).

Já na reportagem – uma das ferramentas fundamentais da TV – Pereira Jr faz um breve questionamento quanto ao excesso de informações que são passadas nela.

> Na reportagem são levantadas questões como se há realmente excesso de informações, o que as pessoas estão fazendo com essa carga de informações, as notícias estão morrendo ou estamos entrando numa nova fase, que tipo de notícias as pessoas estão recebendo, elas são importantes para entender este mundo complexo, qual é a imagem do jornalista para o homem comum. (PEREIRA JR; 2003, p.65)

Na TV, a elaboração de um jornal televisivo, seja ele abordando notícias gerais, de economia ou um programa de esportes, é mais complexo do que no rádio. Bistane e Bacelar (2005) resumem bem como é elaborado o jornal. Há um ranking de notícias provisórias que são elaboradas na reunião de pauta, logo no início do expediente. Depois, o editor-chefe planeja o que vai ser exibido no início, meio e fim do jornal. Ainda, é elaborado um pré-espelho, distribuindo os assuntos por blocos e estabelecer um tempo aproximado para cada matéria.

3. NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE RÁDIO E TV

3.1. NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE RÁDIO

É importante destacar neste subcapítulo que, pelo fato do rádio não lidar com imagens, a narração esportiva de rádio acaba mexendo com a imaginação do ouvinte, como mostra Lima (2001). O autor conta que "o rádio provoca a imaginação do ouvinte, o que faz dele um veículo mobilizante [sic] e lúdico. O ouvinte associa imagens ao som que lhe são oferecidos. (LIMA; 2001, p,35).

Complementando um pouco o pensamento de Lima, Ribeiro (1989), através de Schinner (2004), explica em uma pequena citação do texto "Eu sou o Rádio" - divulgado em um dos programas da extinta Rádio Excelsior no Dia do Rádio - porque a narração esportiva neste meio de comunicação, acaba se tornando importante para o ouvinte que está no estádio, ou em qualquer praça esportiva.

> No esporte estou em cima do lance: nos dois lados da rede das bolinhas de tênis ou de voleibol...e lá vem a bola...na área do futebol...jogou a cesta tô lá! Nadou, pulou, saltou, pegou, virou, driblou...Pode ser no pequeno clube da periferia ou nos grandes estádios Olímpicos. (SCHINNER, 2004, p.17)

Barbeiro e Rangel (2006), realizam uma breve definição do que significa narrar. Para os autores, narra é apenas expor que o fato que está acontecendo em uma partida de futebol. Esta ideia é muito bem complementada e detalhada por Schinner (2004), que procura ser mais radical e nos mostra que a descrição no rádio se torna uma norma para qualquer narrador. O autor ressalta que "a norma de transmissão no rádio se resume a uma narração mais descritiva, mostrando aos ouvintes detalhes dos uniformes, dos times, da posição do campo e das jogadas." (SCHINNER, 2004, p.76)

Guerra (2006), em seu artigo, comenta a identificação do povo com o narrador de futebol, lá no início das irradiações esportivas no rádio:

> É interessante observar que o narrador do jogo logo caiu no gosto do povo brasileiro. Fascinou esse e incorporou ao próprio jogo, permitindo retomar o papel do contador de histórias, mantendo-o como relator das emoções, de dramas, alegrias, vitórias e derrotas (GUERRA, 2006, p.1).

Schinner (2004), procura frisar uma situação importante, referente ao profissional que empunha o microfone para descrever um fato ou uma situação: “todo o profissional de microfone é antes de tudo um comunicador social” (SCHINNER, 2004, p.69).

Após esta breve citação, o autor ainda realiza uma diferenciação do discurso utilizado entre o indivíduo Narrador e o Comunicador.

> Mas há uma diferença entre os discursos usados pelo NARRADOR e os argumentos de aproximação do COMUNICADOR. O narrador usa um discurso genérico, relatando ou informando o fato concreto, como, por exemplo: “O Brasil é campeão do mundo !”. Já o discurso do comunicador é específico e serve para atingir e se aproximar do ouvinte/espectador: “Comemore, torcedor brasileiro, o título é seu!!!”. Entendeu a diferença? No caso do futebol, o comunicador torna-se um “animador de estádios.” (SCHINNER, 2004, p. 69)

Outro ponto a ser destacado, é quanto à descrição de um fato ou uma jogada em qualquer esporto. É preciso afirmar que quanto mais conhecimento do assunto, melhor será a descrição, como nos mostra Jakobson (2003). O autor mostra que “para quem não está vendo, o emissor deve verbalizar detalhes para reconhecimento dos traços. Assim o destinatário vai decifrar a mensagem. Quanto mais bagagem cultural, melhor a capacidade de passar a mensagem” (JAKOBSON, 2003, p.48)

Esta ideia é muito bem complementada por Stosch e Ataydes (2008), quando os mesmos autores fazem uma justificativa para o comportamento do torcedor em deixar a tv no mudo e ouvir o jogo pelo rádio:

> A maioria dos torcedores preferem assistir a um jogo de futebol através da televisão e ouvindo pelo rádio. Tal procedimento justifica-se porque a cobertura pelo rádio, de modo geral, é mais completa, vibrante e emocionante. O narrador, figura principal das jornadas esportivas, vê-se na obrigação de passar ao ouvinte todos os detalhes do que estão ocorrendo. Dizer o que está vendo com imparcialidade e vibração requer agilidade mental e verbal. A virtude da improvisação oral é uma das características dos profissionais do rádio. (STOSCH E ATHAYDES, 2008, p.25)

Sobre o improviso, citado pelos escritores anteriormente, a narração esportiva, tanto no rádio, quanto na TV - mas principalmente no rádio - requer muito improviso. Esta teoria é confirmada por Schinner (2004), quando o autor ressalta que a primeira técnica fundamental da narração é o improviso. Conceituando um pouco esta técnica, de acordo com o site Que Conceito (2017), o improviso é a “capacidade do ser humano em enfrentar os acontecimentos que se apresentam sem nenhum planejamento antecipado.” (CONCEITO, 2017). Ainda, segundo o site, “a improvisação é um traço do caráter de uma pessoa espontânea e natural em seus gestos e atitudes.” (CONCEITO, 2017)

Schinner (2004), ainda destaca que esta técnica vai sendo aprimorada a cada dia de trabalho e que o mesmo, está ligado ao poder da palavra, da mensagem e da eloquência. Ainda fechando esta questão, o escritor ressalta que a melhor maneira de treinar esta técnica, é através do rádio.

Além do improviso, César (1999) cita também outras técnicas para uma boa narração como: "criatividade, conhecimento, naturalidade, estar bem informado [...]" (CÉSAR, 1999, p.84).

O autor ainda destaca que o narrador deve "ser agradável ao ouvinte pois você deve se identificar com ou ouvinte e não o contrário. O radialista precisa ser agradável." (CÉSAR, 1999, p.84).

Outro ponto em questão é quanto a popularidade do rádio, comparado aos outros meios de comunicação. Lima (2003) afirma que "o rádio é o mais popular e democrático dos veículos de comunicação de massa, justamente por sua penetração, atingindo a todo e qualquer cidadão" (LIMA, 2003, p.33)

O ritmo que o narrador tem que ter é muito importante na transmissão esportiva, como aponta Schinner (2004).

> Nas emissoras de AM (mas principalmente de FM), deve-se aprender a comunicar valorizando a voz, a dicção e a cadenciar a transmissão com pausas e ritmo. Não há quem aguente o chamado "narrador metralhadora", que acaba se esgoelando, contrastando com toda a pureza do som de uma FM. (SCHINNER, 2004, p.76)

Ainda partindo da questão do ritmo de jogo imposto pelos narradores esportivos, Barbeiro e Rangel (2006) mostram como funcionam, as descrições das jogadas durante a partida, reforçando um pouco, a análise proferida por Schinner, principalmente em rádio AM (2004).

> O tom de trabalho era a bola rolando: o locutor perseguia a ação de forma incansável e muitas vezes se esquecia totalmente de fatos relevantes no estádio ou no campo. O ouvinte percebia que alguma coisa estava ocorrendo, mas ele só ouvia a descrição da bola. Quando ela saia de jogo, o narrador aproveitava para ouvir seus companheiros. Voltava a bola e era difícil conseguir interromper a transmissão. Era um tabu. Raramente o departamento de jornalismo conseguia entrar com uma informação relevante: era um espaço sagrado, exclusivo ao grupo encarregado de transmitir. O locutor, distante das jogadas mais perigosas próximas ao gol, chamava o repórter que estava atrás da meta para que ele tirasse suas dúvidas e do comentarista. Nem sempre isso ocorria, mas o repórter tinha a vantagem de estar dentro de campo, próximo ao acontecimento. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.65)

O uso de vinhetas e sons, é um recurso que se torna muito importante para o bom andamento da transmissão esportiva de rádio como aponta Lima (2001). Para ele, "o rádio não

faz do seu usuário um ser passivo (assim como a literatura, o rádio precisa da imaginação do seu consumidor) e estimula o ouvinte com vinhetas e sinais eletrônicos." (LIMA; 2001, p.23).

Barbeiro e Rangel (2006), fazem uma análise do comportamento que o narrador esportivo deve ter durante a transmissão esportiva. Os autores contam que o trabalho fica comprometido, caso o narrador em questão, deixa transparecer o entusiasmo pelo seu time de coração na transmissão de rádio.

Ainda quanto ao comportamento do profissional em questão, Schinner (2004) avalia que há cinco combustíveis para o narrador esportivo, não seguindo necessariamente ordem ou importância. São eles: emoção; cultura e conhecimento; liderança; carisma, credibilidade e ética; e VPF (Valorização da Palavra Falada).

Mesmo não seguindo uma ordem de importância, o escritor destaca que a ética é considerada como o primeiro de todos os itens para se tornar um bom narrador esportivo, complementando inclusive, a ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006).

Partindo agora para a emoção, que é o primeiro combustível citado por Schinner (2004), o rádio larga na frente neste quesito, comparando com a TV e por isso terá sempre seu público fiel, como relata Soares (1994). A autora mostra que "o rádio continua muito à frente na transmissão das emoções do jogo, mas com a TV, o rádio está se reinventando, por mais inovações que a TV apresente, o rádio terá sempre seu público." (SOARES; 1994, p.109)

> Emoção é sem dúvida a palavra mais usada nas transmissões esportivas. É também o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos. Faz o coração bater mais forte, o suor jorrar pelos poros, o frio tomar conta da barriga, o sangue ferver nas veias. Ao menor sinal de ação, perigo, empolgação, tristeza, alegria, medo ou raiva, a emoção vem à tona e toma conta da gente. Quem já vibrou com seu time numa final de campeonato com o estádio de futebol lotado sabe do que estou falando. Quem também já assistiu no local a uma corrida de Fórmula 1, com o barulho estridente dos carros voando a 300 quilômetros por hora, passando bem próximos do público e despejando no ar, conhece a sensação. Mas quem já viu o filho nascer, já viveu a despedida de um parente ou amigo; quem já rompeu uma longa relação amorosa ou sentiu na pele a dor da traição, também sabe como é grande a experiência de se emocionar. Há quem diga que o brasileiro é o povo mais emotivo do planeta, e que só ele conhece plenamente o que significa uma saudade profunda de alguém ou de nosso próprio país. (SCHINNER, 2004, p.80)

Schinner (2004) alerta quanto ao controle emocional que o narrador esportivo deve ter em uma transmissão esportiva, seja ele de rádio ou TV, mas principalmente de rádio, onde o imaginário – como já vimos anteriormente – é a ponte da comunicação entre o narrador esportivo e o ouvinte.

> Mas há um importante detalhe que ainda não foi abordado: a emoção tem limites e deve ser controlada. E no aspecto profissional vale ressaltar que é você que controla a sua emoção, e não a emoção que toma conta do seu trabalho e do seu comportamento. Poder ser um paradoxo, mas todo o profissional de microfone deve ter controle emocional, domar os sentimentos mais profundos. Só assim terá a credibilidade necessária para o desempenho de sua tarefa. E este talvez seja o fator principal de diferenciação entre os profissionais de mídia eletrônica: aqueles que conseguem controlar e administrar a calma, o equilíbrio e a paciência contra os que ficam mais ansiosos ou apavorados diante dos fatos jornalísticos que podem acontecer a qualquer momento. (SCHINNER, 2004, p.81)

Soares (1994), faz uma breve comparação entre a narração esportiva no rádio como um teatro. A autora conta que "o rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. O que os radialistas fazem na narração esportiva tem um pouco disso.

É preciso entender também que a narração esportiva no rádio, depende muito do ritmo e da entonação de voz que o narrador propõe. Não pode ser muito, nem pouco, ou seja, busca sempre o meio-termo da narração. Isto pode ser afirmado através de Barbeiro e Rangel (2006). Os autores destacam que "um perigo gerado pelo aspecto fantasioso da transmissão é levar o torcedor a sonhar com uma competição muito mais emocionante do que vista no estádio. Um jogo não pode parecer maravilhoso se na verdade está ruim." (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.66).

Abordando um pouco a história da narração esportiva no rádio, estudiosos apontam que o divisor de águas na narração esportiva radiofônica foi quando Osmar Santos[1] começava a atuar como locutor esportivo, nos anos 80.

> O locutor usava a dramaticidade como elemento para reforçar a narração. Ele atuava como verdadeiro mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a assistia para quem estava no estádio e para os que ligavam a tv sem som. Osmar valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte de maneira constante. (ANDRADE; 2002, p.46)

Retratando um pouco sobre a cobertura esportiva, este processo é realizado por uma equipe de esportes, como mostra Barbeiro e Rangel (2006). Os escritores contam que na transmissão, está um locutor na cabine junto com o comentarista no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol e um plantão esportivo com informações de outros jogos, além de repórteres em outros estádios.

[1] Osmar Santos - Principal locutor esportivo dos anos 80. Atuou em rádios como Jovem Pan e Globo. É conhecido até hoje como o "Pai da matéria".

Fazendo um breve comparativo na questão da audiência no rádio e na tv, quando se imaginava que a televisão iria ultrapassar o rádio na audiência, o rádio reagiu com o que tinha de mais forte: agilidade e informação, como conta Guerra (2006). O autor nos mostra que enquanto a tv apresentava números, o rádio fortaleceu a prestação de serviço ao reportar em uma cobertura esportiva a concentração nas ruas, nos vestiários, o movimento no trânsito, optando assim, por trazer mais jornalismo a uma transmissão esportiva, sem abandonar a linguagem específica do meio.

3.2 NARRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE TV

De acordo Schinner (2004), no rádio a narração é mais descritiva, precisando explicar ao ouvinte como é o uniforme de cada equipe, posicionamento em campo e andamento das jogadas. O importante, tanto para as emissoras AM, como nas FM, é se comunicar valorizando a voz, a dicção e cadenciar a as pausas na transmissão. Já para TV, "o narrador esportivo é o profissional de comunicação capacitado de descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes". (SCHINNER, 2004, p.75).

Para destacar a importância do narrador esportivo em nossa identidade cultural, Monteiro (2007, citado por MENDES, 2006) diz que a narração foi assimilada culturalmente, tendo como o futebol um significado muito importante na formação de nossa identidade cultural, pois o narrador esportivo aparece como porta-voz desta manifestação.

Porém, em entrevista para Monteiro (2014), o narrador da Rede Globo de Televisão, Luis Roberto[2], comenta que a narração não é tudo em uma transmissão. A soma dos fatores faz um grande evento.

> Difícil falar em narração ideal na televisão. No Brasil temos uma narração que se aproxima do que temos pelo mundo inteiro. O legal é o narrador ter conhecimento do que está transmitindo. Ter comentaristas que ajudem a decifrar o que está rolando. Entra também o carisma do jornalista, o jeito de colocar as informações, a intensidade da emoção deve ser compatível com os fatos. E principalmente respeitar e entender as imagens que estão sendo mostradas. (Roberto, citado por Monteiro, 2014.**)**

Um dos pontos da narração esportiva na tv que podemos observar é quanto a supervalorização da imagem, bem elaborada através da ideia proposta por Schinner (2004), quando o mesmo nos afirma que a narração esportiva na TV consiste neste ponto proposto.

[2] Luis Roberto – Narrador da Rede Globo de Televisão

Complementando a ideia da supervalorização da imagem, o autor ainda faz um breve comparativo quando ao jeito de narrar na TV Aberta e na TV fechada.

> Nas TVs abertas a narração deve ser mais ilustrativa e o conteúdo, mais ancorado. Quando digo mais ancorado estou me referindo à maneira pela qual você vai conduzir a transmissão. Deixe a bola rolar e apenas siga os movimentos, usando somente o seu carisma e suas qualidades essenciais. [...] Nas TVs por assinatura a narração é mais informativa e o conteúdo mais enxuto. Lembre-se de que alguém está pagando para ver o evento, e não para ouví-lo. O mesmo acontece no sistema *pay-per-view*, em que a narração continua sendo informativa, e o conteúdo, restrito aos assinantes do pacote. (SCHINNER, 2004, p.77)

Ainda complementando esse aspecto da supervalorização da imagem, é preciso salientar que hoje em dia, não basta apenas que o profissional relate aquilo que está vendo diante dos seus olhos. O narrador necessita saber ser o âncora das transmissões, saber editar e conhecer bem a competição que está transmitindo. Precisa passar ao torcedor a emoção na medida certa, sem esbarrar no histerismo que ocorre com alguns profissionais em épocas de Copa do Mundo e Olimpíadas. Tudo isso, pode ser confirmado na ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006):

> Ainda hoje, por vezes, o ator principal do espetáculo é o narrador, e em torno dele gira transmissão. Ele adquire mais importância do que o próprio jogo e permite apenas poucas e pobres intervenções do comentarista. Há pouca avaliação técnica do árbitro e muita avaliação constante e contribui para a espetacularização da notícia. (BARBEIRO, 2006, p.67)

Além disso, a imaginação e criatividade são dois fundamentos essenciais para uma boa narração de futebol na TV, como mostra Monteiro (2007). O escritor reforça que, a imaginação e criatividade que o narrador esportivo de televisão deve ter em uma transmissão esportiva, para que o profissional não esteja atrelado somente a imagem:

> O narrador de televisão deve ter imaginação e criatividade suficientes para não ficar dependente da imagem veiculada, a fim de não repetir algo que já está sendo mostrado. Já a narração do rádio não dispõe de imagens, mas mexe com a imaginação de quem ouve: Esse locutor descreve, à sua maneira, os movimentos dos jogadores e da bola, e o ouvinte visualiza mentalmente a partida, de acordo com o que absorve da descrição do narrador esportivo. O que poderia ser apenas um jogo de futebol se transforma em um espetáculo. (MONTEIRO, 2007, p.7)

Ainda sobre a imaginação, Guerra (2006), nos conta em seu artigo que sem o recurso da fantasia, do direito de mexer com o imaginário do telespectador apenas com as palavras, como o rádio sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande,

tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc).

Após destacar sobre a imaginação, outra técnica pode ser considerada fundamental na narração esportiva na TV é o improviso, como veremos adiante com Barbeiro e Rangel (2006). Assim como no rádio, o improviso é uma técnica fundamental para realizar uma boa narração esportiva. Barbeiro e Rangel (2006), nos relatam bem esta técnica, quando eles propõem que o "improviso é sinônimo de preparo e conhecimento do assunto. Não pode de forma alguma ser confundido com verborragia, ou falar apenas para ocupar espaço vazio". (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.66)

Além do improviso, Barbeiro e Rangel (2006) frisam também quanto as gírias, que são muito comuns em uma narração esportiva. Para os autores, os esportes e jogos são impregnados de vocábulos e expressões que só são entendidas por quem faz parte da comunidade desportiva, ficando na fronteira entre o idiomatismo e a gíria, normalmente os boleiros. Podemos citar algumas gírias como "ripa na chulipa", "pimba na gorduchinha", "drible da vaca", etc. O jargão é a gíria profissional.

Barbeiro e Rangel (2006), ainda fazem um alerta quanto ao uso deste recurso, destacando que "as gírias e outros recursos devem ser usados com moderação. O excesso pode motivar alguma simpatia no começo, mas logo cansa e cai na vulgaridade. É bom lembrar que as palavras de moda caem em desuso, e é preciso substituí-las [...]" (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 69).

É preciso ressaltar também, o ponto de vista do espectador em uma transmissão de futebol na tv. Mais precisamente, o olhar do espectador que está em casa vendo o jogo pela TV, e o olhar do espectador que está no estádio, como ressalta Betti (2001), ao citar a ideia proposta por Gastaldo (2001).

> Para a televisão, o jogo acontece somente onde está a bola. Na transmissão de TV, ninguém tem a visão global do espaço de jogo que o espectador presente ao estádio tem. No início das transmissões de jogos de futebol pela televisão, uma única câmara fixa acompanhava de longe as jogadas, assemelhando-se de alguma maneira (ao menos quanto ao ponto de vista fixo) à visão de um espectador presente ao estádio. (GASTALDO, 2001, citado por BETTI, 2001, p. 3)

Outro aspecto importante que é preciso frisar é quanto ao estilo de narração, que cada narrador futebolístico de TV possui. Para os mais entendidos deste seguimento, quando falamos sobre o estilo de narração esportiva na TV, logo lembramos de Sílvio Luiz[3], que tem um jeito peculiar de narração esportiva.

Em vez de narrar o óbvio, o profissional em si narra para o telespectador, como se estivesse em uma arquibancada de um estádio. Guerra (2002), detalha bem este estilo de narração.

> Em vez de narrar o óbvio, ele ia além, ampliava os limites da tela, cantando o lance seguinte, pedindo marcação e deslocamentos, apontando os jogadores em melhores condições para a sequência da jogada, exatamente como um torcedor na geral. A forma como ele fazia isso também era um choque: era um narrador de televisão gritando frases de arquibancada: "dá, dá pra ele", "encosta para receber", "tá livre na ponta", "cada um pega um", "vai chorar na cama que é lugar quente", "se mexe no ataque". (Guerra, 2002, p.111)

Em entrevista com este mesmo autor, Silvio admite que buscava na transmissão algo para assimilar o pensamento do torcedor.

> Eu não estudei esse troço aí. Eu achei que você ia ter que estar em casa, vendo a televisão, e quem estivesse transmitindo o jogo teria uma conversa com você. Você tem que estabelecer um diálogo... você ser obrigado a ouvir aquilo que você está vendo é o que mais me irrita na transmissão da TV. Pô, eu estou vendo que o nego chutou com a perna direita, estou vendo que o nego cabeceou... tem gente que gosta, pois vai ao banheiro e fica ouvindo, ou alega que é para quem tem deficiência visual, então seria necessário este tipo de narração redundante. Mas estas pessoas com deficiência visual são uma minoria... O problema é a imagem. Ela te ajuda e te derruba. Como você dá emoção a uma coisa que o sujeito vê e que não tem emoção? "Lateral toca para o zagueiro e esse recua para o goleiro." Qual é a emoção do lance? Você pode criticar aquilo: "Isso é uma palhaçada", a emoção que você pode dar é essa aí. É legendar a imagem com um tom de voz um pouco mais alto. (Luiz citado por Guerra, 2002, p.111)

Outro ponto nesta questão do estilo de narração, é quanto a redundância ao que está passando na imagem, quanto ao que está sendo narrado. Camargo (2005), é citado por Guerra (2006), ao contar que o início das narrações esportivas se deu, pela migração de alguns narradores esportivos do rádio para a TV. Camargo (2005), através de Guerra (2006), ainda ressalta que no início, os narradores esportivos tinham muita dificuldade quanto a linguagem da narração esportiva na TV, por estarem acostumados com o estilo rápido do rádio.

[3]Sílvio Luiz – Famoso narrador esportivo, com passagens pela Band e atualmente na RedeTV!

Ainda é possível ressaltar através dos autores, que muitos narradores não conseguiram mudar o estilo de linguagem na narração esportiva e por isso, acabaram adotando o estilo de narração do rádio. É realizada ainda, uma crítica quanto ao padrão do rádio, imposto pela TV.

Na crítica, os mesmos autores citam que o narrador esportivo de TV, que adota o estilo de narração do rádio, acaba esquecendo que as imagens falam por si só, e por isso, acabam caindo no óbvio e na redundância.

No caso de Luís Roberto[1], por exemplo, a redundância é empregada de forma mais clara por atingir uma parcela maior da população brasileira. Vindo do rádio, o narrador teve que adaptar sua narração para televisão, de forma a complementar a imagem. E nesse quesito, o profissional na entrevista concedida a Monteiro (2014), assim como Silvio Luiz, vê grandes diferenças da narração do rádio para televisão.

Em entrevista, Luis Roberto fala que o "texto" acaba se tornando uma dobradinha da narração esportiva na TV com a imagem. O narrador por sua vez, realiza uma breve comparação entre rádio e TV: enquanto que o texto ocupa espaço no rádio, na televisão, se respeita o silêncio.

Além disso, Luis Roberto ressalta que a narração esportiva dá vida as imagens, e que é primordial estar em cima do vídeo, até porque, as pessoas prestam a atenção no conjunto imagem/áudio, enquanto que no rádio, a narração acabando criando uma imagem no imaginário do ouvinte. Por isso, neste último veículo de comunicação, o importante é o que o locutor está falando.

4. METODOLOGIA

Neste presente momento, abordaremos sobre a metodologia, ou seja, como será feito todo o processo de análise do tema, para saber a resposta do problema no TCC.

Realizando algumas pesquisas, podemos observar através de Mota (2015), que a palavra Metodologia é de origem grega que significa estudo do método. Esta palavra, ainda segundo Mota, "diz respeito aos procedimentos aplicados no processo de investigação, que facilitam o alcance dos objetivos definidos na fase do planejamento do TCC, uma vez que já experimentaram ao longo do desenvolvimento da ciência." (MOTA, 2015, p.125)

Reforçando a ideia proposta por Mota, Salomon (2001) ressalta que a ocupação do metodólogo é o método. Salomon ainda ressalta que a metodologia – enquanto discurso do método -, ao tornar-se científica, filia-se às metaciências (como uma das três "ciências das ciências" *internas*, segundo a classificação de BUNGE), ao lado da lógica da ciência, da filosofia da ciência, da psicologia do conhecimento, da sociologia do conhecimento e da história da ciência.

Quanto ao método que será utilizado na metodologia deste presente TCC, será uma pesquisa qualitativa de descrição, sendo que o tipo de pesquisa será a análise de conteúdo e a técnica apresentada será o estudo de caso.

Sobre a pesquisa qualitativa de descrição, Mota (2015) afirma que "a descrição é uma caracterização que se faz de alguma coisa, de uma pessoa e de um bicho" (MOTA, 2015, p.38).

Já Correa de Campos e Batista (2007), ressalta sobre a pesquisa qualitativa de descrição "quando nos propomos entender o discurso do Outro, estando em um lugar privilegiado da escuta clínica, temos que ter clareza de que o nosso compromisso com a prática de pesquisa é muito grande." (CORREA DE CAMPOS; BATISTA, 2007, p.186).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa de descrição, Salomon (2001) discorre que:

> A atividade do aluno, enquanto sujeito ativo de sua formação manifesta-se de duas formas, no que se refere, no que se refere à sua relação com as ciências que deve dominar: *extrair* e *produzir*. [...] Daí a necessidade se iniciar e treinar o aluno que constituem o cotidiano de todo trabalhador intelectual e, quando bem-feitas [sic], a

> base de sua produtividade: leitura, análise de textos, pesquisa bibliográfica, documentação, síntese... (SALOMON, 2001, p.15)

Segundo Correa de Campos e Baptista (2007), "a Análise de Conteúdo vem se caracterizando atualmente como mais um instrumento metodológico para a compreensão dos diversos discursos do ser humano." (CORREA DE CAMPOS; BATISTA, 2007, p265).

Ainda, de acordo com os autores (2007), podemos observar que "a análise de conteúdo se dispõe a elucidar o sentido, desvelando as intenções, comparando, avaliando, descartando os acessórios, para que, reconhecendo o essencial, possa dar sentido as ações." (CORREA DE CAMPOS E BAPTISTA, 2007, p.266).

Sobre o tipo de pesquisa referente à Análise de conteúdo, Mota (2015) afirma que a Análise de conteúdo é uma técnica na Metodologia toda interpretativa, que se utiliza de forma ampla no estudo de textos e documentos. A Análise de conteúdo, ainda segundo Mota, acaba se apresentando como uma função básica a uma observação mais atenta dos significados de um texto.

Outra técnica que será utilizada é o estudo de caso. O estudo de caso, segundo Martins (1994), é uma técnica que "dedica-se a estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais de uma (ou algumas) unidade social: indivíduo, grupo, instituição, comunidade... [...]" (MARTINS, 1994, p.28)

Ainda seguindo esta abordagem de pesquisa, o estudo de caso, de acordo com Mota (2015)

> Corresponde ao estudo profundo e exaustivo de uma unidade-caso, que pode ser um indivíduo, uma família, uma empresa, uma situação, etc. Requer por parte do pesquisador, habilidade e competência específicas no estudo do caso, exigindo quase sempre abordagem qualitativas. (MOTA, 2015, p.108)

Finalizando a abordagem de pesquisa do estudo de caso, Gil no relata que o estudo de caso, é uma modalidade de pesquisa muito bem utilizada nas ciências biomédicas e sociais, que acabam se propondo a explorar diversas situações de vida real, cujos limites não estão claramente definidos: preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita a determinada investigação; formular hipóteses e ainda; explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Nesta metodologia, serão analisadas quais as técnicas que são utilizadas para o bom andamento de uma transmissão esportiva, seja ela no rádio e na tv, de acordo com o que foi pesquisado na fundamentação teórica do tema.

A forma como será feita essa análise, funcionará da seguinte forma: serão analisadas a abertura; andamento da jornada esportiva – tanto no rádio quanto na TV - e as narrações dos profissionais de dez em dez minutos, a partir da bola rolando, sendo que serão pinçadas as situações mais relevantes, de acordo com o que foi pesquisado na fundamentação teórica.

5. ANÁLISE DOS LOCUTORES

Os objetos de estudos que serão analisados e comparados neste TCC serão as narrações radiofônicas de Pedro Ernesto Denardin da Rádio Gaúcha e de Mário Lima, da Rádio Eldorado de Criciúma. Além disso, serão analisadas as narrações de Galvão Bueno da Rede Globo e Giovani Martinello

A primeira narração será de Galvão Bueno, no jogo entre Brasil x Equador, em jogo válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo da Rússia em 2018, realizado no dia 31 de agosto de 2017, às 21h45 da noite, onde na ocasião, a seleção brasileira venceu pelo placar de dois a zero.

A segunda análise será a narração de Giovani Martinello, dos canais Esporte Interativo, do jogo entre Qarabag do Azerbaijão e Atlético de Madrid da Espanha, partida válida pela terceira rodada da Uefa Champions League, onde as duas equipes empataram em zero a zero. O jogo aconteceu no dia 18 de outubro, às 14h.

Após esta análise, será analisada a narração de Pedro Ernesto Denardim da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, no jogo entre Grêmio e Barcelona de Quayaquil do Equador, válido pelas semifinais da Copa Libertadores da América, em jogo realizado na noite de quarta-feira, primeiro de novembro de 2017, às 21h45 na Arena do Grêmio, onde a equipe da casa perdeu pelo placar de um a zero. Porém, mesmo com este resultado, o Grêmio se classificou para a grande final da maior competição das Américas.

5.1 GALVÃO BUENO

Começamos este subcapítulo, retratando um pouco da biografia de Galvão Bueno. Segundo o site Memória Globo (2013), Galvão Bueno, ou Carlos Eduardo dos Santos Galvão, considerado pelo público como um dos ícones da narração esportiva na TV nasceu em 21 de julho de 1950, na Tijuca, Rio de Janeiro.

Galvão talvez sonhasse com números, e os queria em seu futuro, daí a decisão de cursar administração e, depois, economia. Mas apaixonado por esportes desde pequeno, se realizou mesmo foi na faculdade de Educação Física.

Em um dos trechos da entrevista, o narrador relata *"A minha vida sempre foi esporte. Sempre pratiquei esporte desde garoto, desde pequenininho. Eu só pensava nisso. A base foi o basquete, ao qual me dediquei, e cheguei a ser semiprofissional. Mas eu jogava futebol, vôlei, handebol, atletismo, natação, hipismo. Fiz tudo"*, relembra.

Com o dinheiro que ganhava com o basquete era suficiente para pagar a mensalidade da faculdade e a gasolina do carro. Na ocasião, o narrador trabalhava como gerente de vendas em uma empresa de embalagens plásticas, de onde saiu para montar uma firma com a mesma atividade.

E foi por acaso que começou sua carreira profissional na área de esportes. Ele era fanático por um programa esportivo da Rádio Gazeta chamado Disparada no Esporte, que promoveu um concurso no começo de 1974 para contratar um narrador que entendesse de várias modalidades. Galvão não se inscreveu, mas seu sócio o fez por ele – e é aí que Carlos Eduardo começa a se transformar em Galvão Bueno. Aprovado no concurso ganhou um novo emprego e uma paixão para a vida toda.

Em uma das partes da entrevista, Galvão Bueno relata: *"Eu fui, ganhei o concurso e uma vida nova. Me apaixonei pelo trabalho. [sic] No dia seguinte, estava trabalhando. E lá se vão 38 anos"* - ressalta o narrador

Fechando a história de Galvão Bueno, o narrador começou em 1974, na Rádio Gazeta e, depois, na TV Gazeta, onde ficou até 1977. Um ano depois, participou das transmissões dos jogos da Copa do Mundo da Argentina, pela TV Record, como comentarista e permaneceu na emissora por dois meses. Em seguida, foi para a Bandeirantes, onde trabalhou durante quatro anos. O convite para a Globo veio em 1981. Com um estilo próprio

de narração, Galvão revolucionou o ritmo das transmissões esportivas na Globo que ficou marcado por um tom inconfundível.

5.1.1 ANÁLISE DO JOGO BRASIL X EQUADOR 31/08/2017 – 15ª RODADA DAS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS PARA A COPA DO MUNDO RÚSSIA 2018

No primeiro momento, a Rede Globo de Televisão utiliza-se do recurso da supervalorização da imagem, como vimos anteriormente através de Schinner (2004), onde a produção da emissora exibiu um pequeno trailer, sobre o retrospecto da seleção Brasileira, desde o início da competição até aquele jogo.

Após a exibição do trailer, Galvão Bueno, com seu carisma de sempre, abre a transmissão com a sua marca registrada: *"Bem Amigos da Rede Globo..."*

Podemos considerar, através de Barbeiro e Rangel (2006) quando os autores relatam sobre os bordões que são utilizados pelos narradores, que esta frase (Bem Amigos da Rede Globo...) é considerado já como um bordão, ou melhor, uma assinatura ou marca de Galvão Bueno, durante esses quase 40 anos de transmissões esportivas, sejam eles no futebol, na Fórmula 1 ou nas olimpíadas. Quem liga a TV e ouve esta frase, praticamente reconhece quem está narrando o evento esportivo em questão.

Pré-Jogo - "Aí o hino nacional brasileiro, eles [os jogadores] vão no cumprimento [áudio inaudível] no Fair Play ali...da desportividade..."

Neste trecho, podemos observar nitidamente a supervalorização da imagem, muito elaborada através da ideia proposta por Schinner (2004)

Pré-Jogo - "Olha, Venezuela e Colômbia empataram em zero a zero. Uruguai e Argentina estão empatando em zero a zero. Sabe o que quer dizer isso? Brasil já classificado e se ganhar hoje, já garante o primeiro lugar no grupo, heim..."

Ainda no início das transmissões, Galvão aborda o momento dos jogos que estavam acontecendo naquele dia pelas eliminatórias, mostrando todo o seu conhecimento do que está sendo transmitindo, como aborda Luis Roberto (2014), quando o próprio relata que

um dos fatores para uma boa narração é ter conhecimento do que está sendo transmitido. Ainda podemos observar nesta análise, o uso do "Olha", que em TV pode ser considerado permitido a utilização desta palavra, até porque na TV é utilizado o recurso da imagem, algo que no rádio isso não é possível. Além disso, a utilização da palavra pode significar uma interação com o próprio espectador, mostrando que o narrador esportivo pode ser um porta-voz, ou uma ponte entre a competição – ou o evento esportivo – e o telespectador, como nos conta Monteiro (2007), sobre esta questão de o narrador ser uma espécie de porta-voz, em transmissões esportivas de TV.

Pré-Jogo - "Essa é a seleção brasileira que vai tentar a nona vitória consecutiva em nove jogos"

Este é outro momento que percebemos nitidamente a ideia proposta por Luis Roberto (2014), sobre o conhecimento no que está sendo transmitido. Galvão mostra ter um conhecimento detalhado não só das outras seleções participantes das eliminatórias sul-americanas, bem como a da seleção brasileira, principal produto que está sendo exposto na TV. É perceptível também, que Galvão antes de narrar alguma partida, dias antes o narrador procura estudar o jogo e o campeonato em si, para poder passar as informações precisas, inclusive em momentos de total improviso, recurso bem proposto por Schinner (2004), quando o autor nos mostra que uma das técnicas para uma boa transmissão é o improviso, é uma técnica que pode ser bem treinada no rádio, mas que pode ser utilizada na TV.

Pré-Jogo - "Vamos ao trio de arbitragem...o trio de arbitragem é todo paraguaio, aí a confirmação [roda GC da arbitragem]: Mário Díaz de Vivar, auxiliado por Rodnei Aquino e Milciades Saldivar, perdão! Não, exatamente! Rodney Aquino e Milciades Saldivar, isso! O trio de arbitragem...e deixa eu aqui puxar Júnior e Casagrande, pra que a gente possa fazer uma análise...deixei uma pergunta no ar no Jornal Nacional: o time é o mesmo porque são oito vitórias desde que o time começou, ou o time é o mesmo, porque ganhou oito vitórias seguidas? [Risos]

Barbeiro e Rangel (2006) ressaltam também, sobre a prática de saber ser o âncora das transmissões. Essa situação pode ser muito bem notada, quando o narrador realiza uma transição entre o anúncio do trio de arbitragem e a palavra dos comentaristas, Podemos observar uma outra confirmação de ideia proposta por Guerra (2006). O autor nos aponta que

a TV – diferente do rádio - utiliza um bom banco de dados através de GC's (Geradores de Caracteres, como um dos recursos para uma boa transmissão. Nestes dados, estão contidas informações de posse de bola, número de passes, de faltas, chutes, entre outros dados que são colocados no Scoreboard (placar que fica em cima do vídeo através do GC). Entre outros dados, temos também o do trio de arbitragem, descrito por Galvão enquanto rodava o GC desta informação.

Ainda neste pequeno trecho, podemos observar também o recurso do improviso, muito bem elaborado por Shinner (2004). Como não se utiliza o recurso do TP (teleprompter), Galvão realiza uma breve pausa, de um a dois segundos, para pensar no que falar e/ou perguntar aos seus companheiros de transmissão, Junior e Casagrande.

1º tempo: 00'00'' a 00'47''- Autoriza, rolooou a bola...na Arena do Grêmio, Brasil e Equador...é uma...esmagadora a vantagem do Brasil nos confrontos, são 25 vitórias, quatro empates e duas vitórias do Equador apenas! Ultimamente é que, o Brasil andava três...quatro eliminatórias sem vencer lá no Euqador, e a estreia do Tite foi exatamente num três a zero dia primeiro de setembro de 2016 e nós estamos no dia 31 de agosto de 2017 e... a seleção brasileira tem oito jogos com o Tite, oito vitórias consecutivas...

Podemos lembrar através deste trecho citado por Galvão, é quanto a redundância, idealizada por Monteiro (2014), em entrevista à Luis Roberto. Percebe-se a utilização da redundância, quando, assim que os jogadores dão a saída de bola para começar o jogo, Galvão Bueno fala: *"Rolou a bola..."* Porém, para não tornar isso tão nítido aos olhos e ouvidos do telespectador, Galvão imediatamente reutiliza o conhecimento que tem para informar o histórico de confrontos entre a seleção brasileira e o Equador.

1º tempo: 01'00'' a 01'19''- Vem Daniel Alves, que quando saiu do Barcelona, foi para o Juventus, chegou em outra final de Liga dos Campeões e agora foi para o Paris Saint-Germain, ser parceiro de Marquinhos, de Tiago Silva, de Neymar, de Lucas...

Galvão, ainda utiliza o conhecimento que tem do jogo e dos jogadores da seleção brasileira para informar os times em o que o lateral Daniel Alves (enquanto passara no vídeo) atuou durante a carreira e ainda informar, onde o lateral está jogando nesta atual temporada.

Há também através do comentário do narrador, um paralelismo entre imagens e as palavras proferidas pelo profissional. Enquanto Daniel Alves aparecia, o profissional relatava o histórico de clubes por onde o jogador passou. O paralelo entre imagens e palavras é uma ideia muito bem elaborada por Rezende (2002).

1º tempo: 11'00'' a 11'38'' [Galvão] - Pra isso tem que ganhar do Brasil né! É o mais difícil de tudo, precisa combinar isso...aí o Daniel, o cruzamento...o corte foi feito ali...tenta sair o time Equatoriano... [Mauro Naves] tem que quebrar muitos tabus né, Galvão? Vencer um time que nunca perdeu em casa, por eliminatórias, etc e etc... [Galvão] Aí Marquinhos chegou, dominou, evitou a saída, Casemiro chega, dá o bote...tá jogando uma barbaridade o Casemiro... [Tino Marcos] Já fez dois gols em cinco jogos pelo Real Madrid....

A seleção brasileira impõe um ritmo de jogo cadenciado, logo nos primeiros minutos de jogo. Troca passes em seu sistema defensivo, até para conhecer seu adversário. Enquanto a bola é tocada, Galvão procura narrar os lances, após a jogada acontecida e ao mesmo tempo, os repórteres interagem. Galvão tem um domínio claro sobre esta interação e o que está sendo passado na imagem.

Diante a tudo isso, Galvão através do improviso e da segurança que tem, passa as informações sobre determinado jogador que está na tela, no caso o Casemiro. E ainda, o repórter Tino Marcos complementa a ideia proposta pelo narrador, passando informações de estatística do Casemiro, no clube em que joga nesta temporada, o Real Madrid. Podemos observar também, a confirmação da ideia proposta por Roberto (2014), quando, em entrevista para Monteiro (2014), diz que a narração em uma transmissão de futebol não é tudo: é preciso também que o narrador tenha conhecimento do que está sendo transmitido, além de ter comentaristas e repórteres que ajudam na transmissão.

Percebemos também, a partir do momento em que o repórter Tino Marcos fala: *[...]"Já fez dois gols em cinco jogos pelo Real Madrid...."[...]* uma outra ideia proposta, só que por Coelho (2011), onde o autor nos relata que todos os elementos para uma boa matéria esportiva estão à disposição das câmeras em um evento esportivo, ou seja, no momento em que Casemiro aparecia, Tino Marcos complementava o comentário de Galvão Bueno com a frase citada anteriormente.

1º tempo: 21'00'' a 21'13''- Valência...Valência é um sobrenome comum no Equador...só pra deixar muito claro aqui que Antônio Valência e Ener Valência, tem o mesmo sobrenome, mas não são irmãos, não são sequer parentes...

Observa-se toda a preocupação de Galvão Bueno com cada detalhe, que a transmissão futebolística entre Brasil e Equador propõe a cada momento. O narrador – por mais que pareça inútil a informação – descreve ao telespectador que os dois jogadores do Equador não têm nenhum parentesco, apesar do ter sobrenomes iguais. Isso vai muito ao encontro, com o que Schinner (2004) propõe, quando ele relata que narração em TV significa descrever, transmitir, relatar, conduzir uma transmissão. Sem contar o uso do improviso, muito bem elaborado por Barbeiro e Rangel (2006), quando os dois autores nos contam que esta técnica é sinônimo de preparo e conhecimento do assunto.

1º tempo: 31'03'' a 31'22''" - O bandeira marcou a falta...o bande1ira marcou a falta do Neymar, o árbitro confirmou, o lance favorece ao time do Equador...tá com a bola nas mãos ali o Gaibor...e tooome valorização para cobrar a falta...

Neste momento, Galvão confirma muito a ideia proposta por Schinner (2004), da supervalorização da imagem, pois, no mesmo momento em que Neymar aparece no vídeo, o narrador relata que a falta foi cometida pelo atacante, e confirmada pelo árbitro, que aparece atrás de Neymar, na mesma imagem. Além disso, Galvão aproveita o som ambiente das vaias da torcida brasileira, para relatar através de um jargão: *"tooome valorização para cobrar a falta..."* que os jogadores Equatorianos estão valorizando o bom momento da partida, em que estavam com a posse de bola, e ainda, havia uma falta no setor de ataque para os próprios, sendo que o jogo estava zero a zero, e que o placar seria considerado um bom resultado, por

se tratar de enfrentar um adversário de grande tradição como a seleção brasileira. O uso do jargão, confirma a proposta de Barbeiro e Rangel (2006), quando os mesmos falam que os esportes e jogos são impregnados de vocábulos e expressões que só são entendidas por quem faz parte da comunidade desportiva, ficando na fronteira entre o idiomatismo e a gíria, normalmente os boleiros. Podemos citar algumas gírias como "ripa na chulipa", "pimba na gorduchinha", "drible da vaca", etc. O jargão é a gíria profissional.

1º tempo: 41'05'' a 41'13''- Daqui a pouco no Show do intervalo, o Tino Marcos e a Turma do Tite, o Carrossel do Tite...a galera muito divertida...

Neste momento estamos com 41 minutos do primeiro tempo, se encaminhando para o fim do primeiro tempo e consequentemente o intervalo de partida. Por isso, Galvão já realiza "uma conversa" com o telespectador, chamando a reportagem que Tino Marcos fez no Rio Grande do Sul, com os amigos do técnico da seleção brasileira Tite. Isso mostra que além de Galvão ser o narrador, ou seja, de descrever o que acontece em campo, Galvão também sabe ser um âncora da transmissão, e isso reforça a ideia de Barbeiro e Rangel (2006), em que os autores contam que o narrador precisa ter controle de tudo, e saber ser um âncora de uma transmissão esportiva.

Outro dado considerado interessante, é que o repórter é o que podemos chamar de contador de histórias, observação proposta por Bistane e Bacelar (2005). Percebe-se que durante o intervalo de partida, o repórter Tino Marcos irá contar uma breve história sobre os amigos de Tite que moram no Rio Grande do Sul e que por ser uma situação curiosa e relevante, Galvão chama a matéria que será mostrada a seguir.

Intervalo de partida, do primeiro para o segundo tempo – Grande Zé Loreto...os jogadores já estão voltando a campo, e Thiago Silva em campo heim! [Tino Marcos] Thiago Silva em campo no lugar do Miranda, alteração na seleção brasileira, que passa a ter a zaga do PSG, Marquinhos e Miranda, quer dizer...Marquinhos e Tiago Silva [Galvão] Que passa a ter três zagueiros do PSG: Marquinhos, Tiago Silva e Daniel Alves...

Percebe através deste trecho, todo o trato e educação que Galvão Bueno tem com o seu colega de transmissão, e isso se dá de uma forma natural; tranquila. Todas estas características acabam fazendo parte do estilo de narração de Galvão Bueno, tema muito bem elaborada por Guerra (2002), em que o autor fala que cada narrador tem o seu estilo de narração.

2º tempo: 09'43'' a 10'08'' - Falta! O juiz não deu heim...levou vantagem o time do Equador e de novo ele não deu a falta...Olha! Eu acho que houve umas três faltas ali. O Júnior fez sinal de três, com a mão também...no meio...Olha! Em um metro quadrado de campo foram três faltas, ele tava a meio metro do lance e não deu nada Arnaldo! Ele é muito é ruim! Agora você pare de rir e fala... (Galvão refere-se esta frase a Arnaldo César Coelho)

Neste trecho, observa que Galvão aumenta o seu tom de voz à medida que ele falava, mas sempre em tom de brincadeira, debochado, sabendo entender da situação. Sabendo disso, o narrador acaba se empolgando e relata em tom de piada a Arnaldo, com toda a segurança possível, de que o árbitro da partida é muito ruim, com base no que foi visto na imagem.

Logo, nota-se pelo menos três técnicas abordadas na pesquisa: o improviso para o momento do lance, técnica que é citada por Schinner (2004) quando o autor nos fala que o improviso é essencial para o narrador, seja ele de rádio e TV; além do improviso, vimos também que houve imaginação e criatividade para a elaboração deste improviso - principalmente no momento em que fala: *Em um metro quadrado de campo [...]*e no tom de piada e deboche do narrador –; para que no momento em que é mostrada a imagem, não houvesse uma redundância, mais uma ideia pesquisada, abordada por Guerra (2006) em que os autores nos propõe que o narrador muitas vezes cai na redundância enquanto narra uma partida de futebol.

2º tempo: 18'56' a 19'08'' – Cresceu na jogada pela direita o time do Equador, ficou livre tem a chance do cruzamento, boooaa cobertura...perfeita cobertura sabe de quem? Do Neymar!

Neste momento, a câmera está longe da jogada e por isso, Galvão relata aos telespectadores que o Neymar evitou o cruzamento do jogador do Euqador. Podemos observar pelo menos duas situações propostas na pesquisa: a primeira é sobre o olhar do espectador, como descreve Gastaldo (2001). O autor nos relata que o telespectador não tem uma visão global, comparado ao espaço do olhar do espectador que está presente no estádio, ou seja, quem está perto do lance, sabe perceber que era o Neymar que tinha feito o combate, mas quem estava na TV, não iria perceber, pois as lentes da câmera não conseguiram captar de forma clara. Logo, percebemos uma outra proposta realizada por Prado (2002), onde o autor mostra que o jornalista esportivo – e na ocasião estamos falando de Galvão Bueno – é a ponte entre o esporte (futebol) e o telespectador.

2º tempo: 23'15'' a 24'17'' - Tá na hora de sair o gol...tá na hora de sair o gol...vamos pra 24 minutos, tá na hora de sair o gol! William vai pra cobrança...um, dois, três, quatro, cinco jogadores do Brasil na área, todo o time Equatoriano...olha o cobrança, a bola pra área, OLHUGOL....OLHUGOL...OLHUGOL...OLHUGOL....GOOOOOOOOOOOOOOO OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOL, É DO BRASIIIIIIIIIL [Solta a vinheta e trilha do Brasil] PAULINHO É O NÚMERO 15, SOBROU PRA ELE BATEU FIRME, BATEU FORTE...Eu tava dizendo: tá na hora de sair o gol, tá na hora de sair o gol, é gol do Brasil, sobrou pra Paulinho, mais um nas eliminatórias...explodiu a bomba! Olha que foi perto das mãos do goleiro Banguera, mas foi de tão perto que quando ele (o goleiro) viu, ela (a bola) já tinha passado...

A hora do gol, o ápice de uma partida de futebol. Neste momento, passava de 23 minutos do segundo tempo e a equipe da seleção brasileira não conseguia chutar ao gol, pouco tentava. Isso gerava apreensão não só para a torcida que estava presente no estádio e vendo pela TV, como para o Galvão, um brasileiro apaixonado. Tanto, que ele mesmo disse no início da frase: *"Tá na hora de sair o gol..."* ao mesmo tempo, passava a sensação para o telespectador que Galvão, ao dizer esta frase, parecia que pressentia a chegada deste primeiro gol. É aí então que o narrador – depois de tamanha angústia para narrar um gol da seleção brasileira – explode de alegria, assim como todo torcedor brasileiro, ao anunciar o gol do Brasil.

Galvão por sua vez, utiliza-se de mais uma marca registrada: o OLHUGOL... (referindo-se à "Olha o gol"), como forma de chamar o torcedor para o apogeu deste esporte. O narrador deixa transbordar a sua emoção, ao gritar em alto e bom som a palavra gol, durante breves segundos (entre cinco a dez). O uso da vinheta – que assim como no rádio, na TV – também se faz presente e após a trilha ser tocada, é aí que o narrador descreve o jogador que fez o gol e a jogada, de forma improvisada, porém com grande criatividade.

O narrador ainda, ao dizer *"explodiu a bomba!"* utiliza o recurso do jargão, da gíria do futebol, ferramenta proposta por Barbeiro e Rangel (2006) em que alguns esportes como o futebol, por exemplo, são impregnados de vocábulos e expressões que só são entendidas por quem faz parte da comunidade desportiva, ficando na fronteira entre o idiomatismo e a gíria, normalmente utilizada pelos chamados "boleiros" (termo utilizado para quem é ligado ao futebol). O jargão *"explodiu a bomba!"* refere-se ao chute que foi muito forte e muito em cima do goleiro do Equador, tanto que na sequência, o narrador relata: "*Olha que foi perto das mãos do goleiro Banguera, mas foi de tão perto que quando ele (o goleiro) viu, ela (a bola) já tinha passado..."*

2º tempo: 30'25'' a 31'48'' - Aí o Brasil vai partindo pelo meio a enfiada de bola, a chaaaance: QUE BONITO, QUE TOQUE BONITO, QUE GOLAÇO, QUE GOLAÇO, OLHUGOL, QUE GOLAÇO, OLHUGOL, GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO OOOOOOLLL ÉÉÉÉ DO BRASIL OS MENINOS DERAM SHOW [Sobe a trilha da seleção brasileira e ao mesmo tempo que sobe a trilha, Galvão fala] O GOL FOI DE PHILIPPE COUTINHO, mas vejam o que fez...o Gabriel Jesus...a habilidade...ele acabou sentindo, foi atingido, mas olha só, ó o que ele fez, olha o que ele fez, ó o toque de cabeça foi atingido no rosto, e o Philipe Coutinho entrou para fazer o gol. Pancada dura levou, heim...levou uma pancada dura, agora, ó, hmmm, testa com testa, mas a jogada dele (Gabriel Jesus) foi MO-NUM-MEN-TAL, pro gol do Philipe Coutinho. Dois a zero Brasil!

Neste trecho, observa-se que no início dele, Galvão utiliza uma alternância totalmente desconexas de palavras, ao ressaltar "*QUE BONITO, QUE TOQUE BONITO, QUE GOLAÇO, QUE GOLAÇO, OLHUGOL, QUE GOLAÇO, OLHUGOL"* justamente

devido ao fato do narrador se deixar levar pela emoção do lance que resultou no gol do Brasil. É preciso ressaltar também, a supervalorização de imagens, ideia proposta por Schinner (2004), pois neste momento em que o narrador fala, o atacante Gabriel Jesus realiza um toque na bola por cima do adversário, ou na gíria do futebol, podemos chamar isso de "lençol" ou "chapéu". A emoção foi tão grande, que o narrador gritou gol por durante vários segundos, maiores até comparados com o primeiro gol. Além disso, podemos observar uma emenda em sua narração: Galvão nem esperou subir a trilha de gol da seleção brasileira que logo já relata *[...]"OS MENINOS DERAM SHOW"[...]*.

Outro indício de supervalorização da imagem, é quando o narrador fala: *mas olha só, ó o que ele fez, olha o que ele fez, ó o toque de cabeça foi atingido no rosto, e o Philipe Coutinho entrou para fazer o gol.*

É nítido que o narrador se contagiou pela beleza do gol e se deixou levar pela emoção. Podemos observar esse sentimento, quando mais uma vez o profissional realiza uma desconexão de frases a partir do "*Pancada dura levou, heim...levou uma pancada dura,* mas sem deixar de supervalorizar a imagem mais uma vez, a partir do momento que fala *"agora, ó, hmmm, testa com testa..."*

2º tempo: 46'32'' a 47'13'' – E lá vem o Brasil, cadê o terceiro gol? A tentativa de enfiada de bola, o corte foi feito. Vamos nos aproximando do minuto final, ele deu três minutos, prometeu o jogo até quarenta e oito, nós vamos chegando já a quarenta e sete. O Brasil chegou a sua nona vitória consecutiva em eliminatórias, vinte e sete pontos, consecutivos. Vai a trinta e seis, não pode ser alcançado por ninguém...a Colômbia, tem 25 pontos, pode chegar a trinta e quatro, só pode ir a trinta e quatro. O Brasil já está classificado e já é o campeão das eliminatórias, olha a booombaaa...o Neymar ia fazer o dele, se desespera...

O jogo se encaminhara para o final neste momento. Neste trecho, podemos observar diversas características apresentadas na fundamentação teórica, como a utilização de bordões, jargões e a verborragia.

Primeiro, Galvão se mostra um torcedor ansioso, quando ele pergunta: "*cadê o terceiro gol?"* O narrador queria, assim como qualquer outro torcedor naquele instante, o

terceiro gol, até para decretar a vitória da seleção brasileira. Galvão utiliza também, a técnica dos bordões, ideia reforçada por Barbeiro e Rangel (2006) em que os autores falam que os esportes e jogos são impregnados de vocábulos e expressões que só são entendidas por quem faz parte da comunidade desportiva. Galvão utiliza um bordão muito conhecido para quem acompanha o trabalho dele que é: *[...]"prometeu o jogo até..."[...]*. Todas as vezes que a partida se encaminha para o final, o profissional usa esta frase.

Depois, percebemos que Galvão para não perder o ritmo da narração, utiliza o recurso da verborragia, ou seja, falar apenas para ocupar espaço vazio, ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), pois Galvão explora o conhecimento do assunto que tem, para repetir algo que já foi falado lá no início da transmissão, porém de forma mais detalhada, no momento em que fala: *O Brasil chegou a sua nona vitória consecutiva em eliminatórias, vinte e sete pontos, consecutivos. Vai a trinta e seis, não pode ser alcançado por ninguém...a Colômbia, tem 25 pontos, pode chegar a trinta e quatro, só pode ir a trinta e quatro.*

Um outro detalhe interessante, são os pequenos detalhes mostrados na captação de imagens, ocasionando assim, um show de imagens como nos conta Coelho (2011). A câmera capta a imagem do atacante Neymar se desesperando, enquanto que Galvão fala: *[...] Neymar ia fazer o dele, se desespera [...]*. Por fim, no momento do chute forte de fora da área do atacante Neymar, mais um jargão é utilizado: *[...] "olha a booombaaa..."[...]*

5.2 GIOVANI MARTINELLO

A história de Giovani Martinello começa na cidade de Chapecó, localizada no oeste de Santa Catarina, onde o profissional nasceu no dia 21 de fevereiro de 1977.

Segundo o site portal dos jornalistas, o narrador começou na profissão como sonoplasta da rádio Chapecó em 1991, e pouco tempo depois foi promovido a repórter esportivo. Também passou pela rádio Super Condá, na mesma cidade.

Em 1994, trabalhou na TV Record de Xanxerê (SC) e de lá foi para a RBS TV de Chapecó, onde apresentou o Jornal do Almoço regional.

De acordo com o site da Rede Globo, Giovani a partir de 2000 atuou como repórter da CBN Diário e apresentador na TV Com, em Florianópolis. Em 2003, Martinello começou a atuar como repórter esportivo na RBS TV de Florianópolis e até 2015 dividiu a apresentação do Globo Esporte com Suyanne Quevedo, além de narrar as principais partidas dos times catarinenses no campeonato estadual e em algumas partidas dos campeonatos nacionais e internacionais, seja ele pela antiga RBS (atual NSC), ou pelo canal a cabo Premiere e SporTV, que pertence ao Grupo Globo.

Ainda em 2015, o narrador parte para um novo projeto e se muda para os canais Esporte Interativo, onde está até hoje. No canal, Giovani narra os principais jogos da Uefa Champions League (Liga dos Campeões da Europa); Campeonato Brasileiro das Séries C e D; Copa do Nordeste; Campeonato Brasileiro de Futebol categoria Aspirantes; Campeonato Paulista Sub-20; além de outros esportes como o Boxe; MMA e Basquete.

A partir de 2019, Giovani irá narrar os jogos dos times do Campeonato Brasileiro das Séries A e B, onde o canal por sua vez adquiriu os direitos de transmissão, em comum acordo e de forma separada com alguns clubes das duas competições como: Criciúma; Joinville; Paysandu; Internacional; Santos; Santa Cruz, entre outros.

5.2.1. ANÁLISE DO JOGO QARABAG-AZE X ATLÉTICO DE MADRID-ESP 16/10/2017 – TERCEIRA RODADA DA LIGA DOS CAMPEÕES DA EUROPA

Após a análise da narração de Galvão Bueno, partimos agora para a análise de Giovani Martinello. É um jogo válido pela terceira rodada da Uefa Champions League (Liga dos Campeões da Europa), entre o Qarabag do Azerbaijão e Atlético de Madrid da Espanha.

Pré-Jogo – Alê Oliveira vai estar comigo nessa aqui pra Qarabag e Atlético de Madrid: São dois times com a corda no pescoço né, Alê, principalmente o Atlético, né, que é um time de que a gente tem muita expectativa, né? O Qarabag tá participando pela Liga dos Campeões pela primeira vez, o que vier é lucro. Agora o Atlético não né, Alê? Boa tarde!

Neste início de análise, observa-se que há um tempo considerável grande entre a abertura da jornada e a bola rolando, algo em torno de 15 a 20 minutos.

Por isso, Giovani utiliza diversas informações colhidas por ele e estudadas antes da partida, para interagir com o seu comentarista e passar estar informações aos assinantes do canal que assistem a partida. A partir deste recurso, podemos perceber claramente a ideia proposta por Prado (2002), em que o autor nos mostra que o jornalista esportivo é o porta-voz entre o esporte e o telespectador.

Observamos também que, para estudar as informações, o narrador teve um rigor na apuração dos fatos que aconteceram antes da transmissão, como nos relata Barbeiro e Rangel (2006). O narrador ainda, relatou os fatos com muita precisão e síntese, que é considerado como um desafio para Bistane e Bacelar (2005).

Por último, vimos uma linguagem mais simples e coloquial, principalmente com o uso excessivo de gírias como o “né”, como nos aborda Sagra e DC Luzzato (1995). Além de ser uma linguagem mais simples, o recurso do improviso se torna presente neste trecho, como nos afirma Barbeiro e Rangel (2006). É perceptível o improviso, a partir do momento em que o narrador utiliza muito a gíria “né”, ao formular a pergunta ao comentarista: *[...] São dois times com a corda no pescoço né, Alê, principalmente o Atlético, né, que é um time de que a*

gente tem muita expectativa, né? O Qarabag tá participando pela Liga dos Campeões pela primeira vez, o que vier é lucro. Agora o Atlético não né, Alê? Boa tarde! [...]

Pré-Jogo – A gente tá vendo a festa bonita aí, né, no estádio Olímpico de Bakur, aliás, estádio que vai receber né, vai ser uma das sub-sedes aí da Eurocopa de 2020, a Eurocopa de 2020 que será disputada em treze cidades de treze países diferentes para, celebrar os sessenta anos da competição e Bakur é uma dessas cidades....

Ainda na pré-jornada desta partida, percebemos diversas ideias propostas por vários autores pesquisados. A primeira, é que Luis Roberto (2014) nos mostra que a narração não é tudo em uma transmissão: é preciso ter conhecimento, carisma e ter comentaristas que ajudam na transmissão. Neste trecho, Giovani mostra profundo conhecimento do estádio que vai ser sub-sede de um campeonato importante como a Eurocopa do ano de 2020, além do carisma que apresenta, através do jeito que passa as informações para quem assiste, de forma leve, tranquila e clara.

Podemos observar também, que enquanto o narrador passara as informações, as câmeras captavam cada parte do estádio com os espectadores que estão lá dentro, confirmando a ideia proposta por Coelho (2011), em que o autor nos mostra que as câmeras mostram um "show de imagens" e que tudo é muito bonito.

Ainda, levando em consideração as imagens passadas neste trecho, podemos observar um paralelismo entre imagens e palavras, como nos mostra Rezende (2000), porém, sem redundância. Situação essa que nos relatou Guerra (2006), onde os narradores acabam caindo na redundância, dependendo da situação, quando descrevem uma jogada, ou um momento da partida.

1º tempo: 10'04'' a 11'52'' - Olha o Filipe Luis, fez o passe, o passe é bom. Gameiro domina, marcação aperta pra cima dele ainda o Gameiro, já se recompôs ali o sistema defensivo do Qarabag, a bola passou pelo Griezmann...a tentatiiiiva o corte é feito. Essa bola era para o Vrsaljko ali na área....Gabi...tá bem fechadinho o time do Qarabag heim. Gabi recomeça com Gimenez...Godin. Tem Saul ali pertinho, bola pro Saul. Gabi mais uma vez, capitão do Atlético de Madrid. Até agora nenhuma jogada

perigosa, né! Nem Atlético, nem Qarabag chegaram com perigo até agora...Opa! Carrasco caiu, pediu falta o árbitro não deu! Então vem contra-ataque do Qarabag! É tudo que o Qarabag quer, ó! Ndolovu se posiciona o Pedro Henrique dá uma segurada, faz a virada de jogo, a bola é boa para o Madatov, ainda ele trouxe pra dentro, pode bater, rolou Richard! Foi travado pelo Saul na hora do chute, a bola tá saindo pela linha de fundo é escanteio: Olha o brasileiro aparecendo aí! Vamos dar uma olhada de novo, eu tive a impressão de que a bola veio em cima ali, "num" tava esperando, né! Richard Almeida vai mandar a bola pra área é o Qarabag tentando chegar. Zero a zero é o placar do jogo, onze minutos, primeiro tempo de jogo. É a maior competição de clubes do planeta, um jogão abrindo a super quarta de Liga pra você! Que isso, Richard! Ninguém entendeu essa! (referindo-se ao escanteio mau cobrado)

Neste trecho, observa-se que Giovani diferente de Galvão, que mais comenta do que narra, o primeiro profissional citado narra com tranquilidade, com uma linguagem simples e coloquial como destaca Sagra e DC Luzzato (1995), quando os autores destacam que a linguagem na TV tem que ser assim.

Ainda partindo do ponto proposto por Sagra e DC Luzzato, no momento em que Giovani descreve: *[...] "É tudo que o Qarabag quer, ó!" [...]* nos remete a ideia de que o narrador está do lado do telespectador na arquibancada do estádio vendo a partida e comentando o jogo junto com esta pessoa.

Outro ponto interessante e que está neste momento, é o que aborda Schinner (2004), quando o autor nos fala que o narrador de TV tem que apenas descrever, comandar uma transmissão, além de relatar aquilo que está acontecendo dentro da transmissão esportiva.

Ainda citando a missão que o narrador tem, que foi proposta por Schinner (2004), Giovani narra com uma absoluta tranquilidade até o momento em que o time Qaragab toma a bola e parte para o contra-ataque, mais precisamente quando o narrador fala: *[...] "Então vem contra-ataque do Qarabag! É tudo que o Qarabag quer, ó!". [...]*

A partir daí o narrador aumenta o seu tom de voz, criando uma expectativa para o telespectador de um possível gol do time do Qarabag. Além de aumentar o tom de voz,

Giovani ainda aumenta a velocidade do ritmo de narração, lembrando um pouco a narração de Rádio, que é neste estilo. Este ritmo e entonação de voz é interrompido de forma brusca, quando o narrador fala: *[...]Que isso, Richard! Ninguém entendeu essa! [...]*

1º tempo: 20'59'' a 22'05'' - Olha a bola do Griezmann pro Gaitán, o passe nas costas do Gameiro...Gabi, voltou pro capitão ali, Saul, tocou pra Filipe Luis lateral da seleção brasileira domina a bola, vinte e um minutos, primeiro tempo de jogo no Azerbaijão...logo na sequência tem Aderlecht e PSG de Neymar, Cavani e Mbappé (pronuncia-se Mibapê) em campo, será que tem show hoje contra o Anderlecht? ... Na sequência a gente mostra pra você com André Henning, Mauro Betting Isabella Pagliari e com o "galinho" Zico! Só lembrar que no intervalo do nosso jogo aqui, a gente vai pra Paris com Isabella Pagliari, pra trazer aí as últimas informações e Paris Saint Germain, é daqui a pouquinho no nosso intervalo, heim! [...] Gaitán, ótima bola, Carrasco, mano a mano partiu pra cima tentou o cruzamento pegou muito mal na bola o Carrasco, é só tiro de meta para o time do Qarabag, tá aí o Carrasco no detalhe, ó!

No trecho acima, vimos que Giovani narra com muita precisão e com muito detalhes as jogadas, indo ao encontro da ideia proposta por Schinner (2004) sobre a supervalorização da imagem. Ainda, podemos observar também que assim como na jogada anterior, quando o profissional tem a velocidade alterada no ritmo de voz, o mesmo acontece neste trecho.

Outro ponto a se observar, é que o profissional cai na redundância, no aponta Guerra (2006), mas isso acaba se tornando imperceptível, devido a velocidade no ritmo de voz imposto por Giovani. A redundância acontece a partir do momento em que ele fala: *[...] Olha a bola do Griezmann pro Gaitán, o passe nas costas do Gameiro...Gabi, voltou pro capitão ali, Saul, tocou pra Filipe Luis lateral da seleção brasileira domina a bola, vinte e um minutos, primeiro tempo de jogo no Azerbaijão [...]*

Giovani entretanto, mostra saber ser o âncora da transmissão, como no aborda Barbeiro e Rangel (2006), a partir do momento em que o narrador chama a partida que vem na sequência entre Anderlecht e Paris Saint-Germain, considerada como a principal partida do canal no dia, por se tratar de um time badalado e que tem Neymar, como uma das principais

estrelas da equipe**:** *[...] logo na sequência tem Aderlecht e PSG de Neymar, Cavani e Mbappé (pronuncia-se Mibapê) em campo, será que tem show hoje contra o Anderlecht? ... Na sequência a gente mostra pra você com André Henning, Mauro Betting Isabella Pagliari e com o "galinho" Zico! Só lembrar que no intervalo do nosso jogo aqui, a gente vai pra Paris com Isabella Pagliari, pra trazer aí as últimas informações e Paris Saint Germain, é daqui a pouquinho no nosso intervalo, heim!*

Por fim, observamos também que Giovani utiliza o conhecimento que tem, como nos discorre Luis Roberto (2014), para acrescentar uma breve informação enquanto passara a imagem de Filipe Luis no visor: *[...] tocou pra Filipe Luis lateral da seleção brasileira [...]*

1º tempo: 31'30'' a 32'09'' - Filipe Luis, boa dominada ali do lateral brasieliro! Saul...avançou o Saul, o passe é bom...se atrapalhou todo Šehić chega afastando Gameeeeeiro meu Deus! Ndolovu, pisou Magatov embaixo tá pedindo, bola pra ele, a bola recuada pro Oblak, pegou de primeira e afastou o perigo da área...Cê [sic] vê né: o Gameiro não consegue dominar, perde uma chance incrível pro Atlético de Madrid no contra-ataque, quase, quase, o Qarabag chega lá, amigo!

Neste trecho, podemos observar um poder de improviso muito grande, como nos destaca Barbeiro e Rangel (2006), onde o recurso é uma das técnicas fundamentais na narração esportiva de TV: *[...] Cê [sic] vê né: o Gameiro não consegue dominar, perde uma chance incrível pro Atlético de Madrid no contra-ataque, quase, quase, o Qarabag chega lá, amigo! [...]*

Como foi citado anteriormente, Giovani utiliza de uma linguagem simples e coloquial. Como isso é frequente na transmissão, mostra-se que esta linguagem faz parte de um estilo de narração, assim como outros narradores tem seu estilo, como nos mostra Guerra (2002).

Mais uma vez, Giovani ao descrever a situação, passa a sensação de que está falando com o espectador na arquibancada. Isso é observado na citação anterior que está acima, onde falamos sobre o improviso.

Percebe também, que há muito mais a descrição de imagens, uma das características propostas por Schinner (2004), do que um comentário em si.

2º tempo: 11’20’’ a 12’02’’ – E o *Fair Play* a bola devolvida ali pro Oblak, recomeça...o goleiro do Atlético de Madrid, esse monstro que é o Oblak, heim! Que já tá sendo desejado aí por vários clubes...vários gigantes do futebol mundial, entre eles o Paris Saint-Germain que quer contar com o goleirão do Atlético de Madrid. E o Atlético já botou o preço ali, heim: cem milhões de Euros pra começar esta conversa. E a gente sabe que dinheiro não é problema lá pro...pro dono do PSG, não, né? Se alguém tinha alguma dúvida...contratação do Neymar e do Mbappé na mesma temporada, mostra que, dinheiro não é problema pro homem lá não, heim!

Através do estilo de narração de Giovani, nota-se que o profissional tem muita criatividade e imaginação para proferir algumas palavras em sua narração, além de um enorme carisma, além de transmitir empatia para o público que o assiste. Imaginação e Criatividade, que foram mencionadas por Monteiro (2007), quando o autor nos mostra que o narrador precisa ter estas duas características para uma boa transmissão na TV.

A informação passada neste trecho, nos mostram três situações bem claras: a primeira, retratada por Monteiro (2007), é de que o narrador esportivo de TV é como um porta-voz da transmissão esportiva, ou seja, nos passa toda a informação possível do evento, além de informações extras, como a possível transferência de Oblak para um outro clube na próxima temporada.

A segunda, é de que neste trecho, está se levando à risca o conceito de jornalismo, passado pelo site Significados (2017), em que o mesmo nos relata que a profissão é uma atividade informativa e ainda quando Melo (2003), nos relata que jornalismo esportivo é o esporte como notícia.

Por último, percebemos uma ideia demonstrada por Prado (2002), em que o autor mostra que o jornalista esportivo – neste caso, trata-se do narrador em questão – é uma ponte entre o esporte e o telespectador.

2º tempo: 21’54’’ a 22’25’’- Olha o Richard Almeida aí! Agoly. Richard Almeida...voltou com Sadigov o capitão. Trabalha o Qarabag, zero a zero, vinte e dois minutos...seria o empate histórico pro Qarabag, o Qarabag estaria conquistando o seu primeiro ponto na história da Liga dos Campeões, pro Atlético de Madrid seria uma tragédia. Terrível esse empate no Azerbaijão.

Há um momento neste trecho que Giovani cai na redundância, algo que foi visto lá atrás por Guerra (2006). Vimos isto quando o narrador relata: *[...] Olha o Richard Almeida aí! Agoly. Richard Almeida...voltou com Sadigov o capitão. [...]*

A redundância traz a sensação de monotonia, ou seja, de um jogo em ritmo lento e isso acaba cansando o telespectador. Para fugir desta situação, Giovani usa o improviso para relatar: *[...] Trabalha o Qarabag, zero a zero, vinte e dois minutos...seria o empate histórico pro Qarabag, o Qarabag estaria conquistando o seu primeiro ponto na história da Liga dos Campeões, pro Atlético de Madrid seria uma tragédia. Terrível esse empate no Azerbaijão. [...]*

2º tempo: 31’15 a 31’39’’ – E vem de novo o Atlético, Tomáz, agora com o Qarabag com um a menos, Ndolovu foi expulso. Filipe Luis, falta do Madatov pra cima dele....e o árbitro tá pedindo calma, ali pro Madatov, o Madatov diz que: “Mas eu fui na bola”, abrindo os braços ali o jogador do Azerbaijão e aí o lance ó, quando ele comete a falta ali no lateral brasileiro do Atlético de Madrid.

Mais uma vez, Giovani utiliza sua criatividade para descrever tal jogada com precisão e clareza, como mostra Monteiro (2007). A criatividade está presente no momento que o narrador descreve a seguinte situação: *[...] e o árbitro tá pedindo calma, ali pro Madatov, o Madatov diz que: “Mas eu fui na bola”, abrindo os braços ali o jogador do Azerbaijão. [...]* Giovani consegue ser tão criativo e descontraído na descrição do lance, que inclusive descreve uma suposta fala do jogador com o árbitro da partida.

2º tempo: 40’58’’ a 41’17’’ – Quase quarenta e um, heim! Quase quarenta e um! Será que o Qarabag, com um menos, com um a menos vai segurar o Atlético de

Madrid e vai conquistar o seu primeiro ponto na história da maior competição de clubes do planeta? Que jogo heim!

Observa-se que enquanto a bola vai rolando, Giovani cria uma expectativa à medida que o jogo vai se encaminhando para o final, principalmente quando o narrador faz a pergunta para o telespectador, de forma, a conduzir uma transmissão como nos mostra Schinner (2004).

Giovani mostra-se também, um porta-voz da partida, como relata Monteiro (2007) quando o mesmo realiza a seguinte frase: *[...] Que jogo heim!* Giovani mostra-se surpreso e entusiasmado com o que o pode ocorrer até o final do jogo, quando o empate pode se tornar histórico para a equipe da casa, no caso o Qarabag.

5.3. PEDRO ERNESTO DENARDIM

Façamos um breve contexto histórico sobre a carreira deste locutor. Segundo o Blog Terceiro Tempo (2015), Pedro Ernesto Denardin é um famoso radialista e locutor esportivo de grande atuação no rádio do Rio Grande do Sul. Natural de Porto Alegre, Denardin começou sua carreira narrando futebol de várzea e logo se destacou em um concurso da Rádio Gaúcha, que buscava um novo locutor para futebol.

Entre os 32 finalistas, Pedro Ernesto só ficou atrás de Nilton Azambuja, que foi escolhido para a vaga. Apesar de não conseguir um emprego de início, o locutor seria premiado por seu talento e foi utilizado pela RBS na Rádio Farroupilha, sua primeira oportunidade profissional. Em pouco mais de seis meses, Denardin passou de repórter a chefe de reportagem na Farroupilha, mas acabou deixando à emissora e se transferindo para a Rádio Gaúcha, principal veículo de rádio no estado. Até 1984, o narrador permaneceria na mesma empresa, até ser contagiado pelo projeto da Rádio Sucesso, do publicitário Roberto Franchini.

Após uma breve passagem pelos microfones da Rádio Bandeirantes, Pedro Ernesto Denardin retornaria à Gaúcha, aonde chegou ao cargo de supervisor do departamento de esportes, além de realizar as principais narrações do Rio Grande do Sul

5.3.1 ANÁLISE DO JOGO GRÊMIO X BARCELONA DE GUAYAQUIL-EQU 01/11/2017 – SEMIFINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

Após as profundas análises dos narradores de TV Galvão Bueno da Rede Globo e Giovani Martinello dos canais Esporte Interativo, partimos agora para a análise de rádio do narrador Pedro Ernesto Dernardim, da Rádio Gaúcha, no jogo entre Grêmio x Barcelona do Equador, válido pelas semifinais da Copa Libertadores da América. Começamos analisando então, os instantes que antecedem o apito do árbitro, para o início de partida.

Pré-jogo: [Pedro Ernesto] Sérgio Boaz, confere o time do Grêmio pra quem ligou agora, Sérgio! [Sérgio Boaz] Marcelo Grohe, Edilson, Geromel, Kanemman, Bruno Cortêz, Jaílson, Artur, Ramiro, Luan, Fernandinho e Cícero...na informação Grupo Iesa! [Pedro Ernesto] Eduardo Gabardo e o time do Barcelona? [...] em seguida o Gabardo fala, deve tá se deslocando...[Eduardo Gabardo] Vamos nessa então, o time do Barcelona que é de Banguera, Velasco, Aimar, Arriaga, e Caicedo...Ener Caicedo, Minda, Oyola, Esterilla, e Damián Díaz, Marcos Caicedo e Jhonatan Alvez, o técnico é Guillermo Ahumada, o time do técnico do Barcelona na informação, Sicredi!

A partir deste trecho, percebemos algumas ideias propostas na pesquisa. A primeira, é a ideia passada é de Harris e Chantler (1998): é fundamental o uso de uma agenda para uma boa cobertura, para poder realizar as anotações necessárias. Nitidamente, os repórteres que estão à beira do gramado passando as escalações, utilizam deste recurso para passar as informações aos ouvintes que querem saber da escalação, tanto do Grêmio, quanto do adversário.

A segunda ideia, é a que propõe Barbeiro e Lima (2001): uma distinção entre narrador, repórter e comentarista. Percebe-se nitidamente que Pedro Ernesto é o narrador da partida, por comandar este pré-jogo chamando os repórteres, e que Sérgio Boaz e Eduardo Gabardo são os repórteres, por passarem as escalações aos ouvintes, além de estar à beira do campo.

É perceptível que eles estão próximo do campo, pois ouve-se melhor o grito da torcida ao fundo, do que quando se ouve a torcida ao fundo enquanto Pedro fala. O narrador está em uma cabine de transmissão, toda fechada e por isso, ouve-se menos o barulho da torcida.

Nota-se ainda, o pensamento abordado por Unzelte (2009) em que o autor nos fala que as funções do jornalista no rádio e na Tv são as mesmas e que a diferença está na imagem. Ou seja, assim como na TV, passam as escalações através de uma arte gráfica, no rádio é a mesma coisa, só que muito mais descritivo. O narrador utiliza de um discurso mais objetivo, a partir do momento em que ele fala: "*Sérgio Boaz, confere o time do Grêmio pra quem ligou agora, Sérgio!"***.** Pedro é sucinto e direto ao pedir a escalação da equipe do Grêmio.

Levando ainda em consideração, a linguagem mais objetiva, logo, percebemos uma outra situação, abordada por Guerra (2006). A de que o narrador do rádio tem identificação com o povo. O narrador a partir do momento em que pede a escalação, ele logo se preocupa com os ouvintes que estão na escuta da transmissão, principalmente quando o narrador discorre: *[...] "pra quem ligou agora, Sérgio!".* Isso acaba criando uma identificação com o povo, pois quem liga o rádio, percebe que o profissional não está fazendo a narração para si, e sim para as pessoas. Logo, cria-se a empatia entre ouvinte e radialista, criando assim uma certa identificação.

Percebemos ainda que diferente da TV que utiliza do pacote gráfico para anunciar o patrocinador, o rádio utiliza só da voz para este anúncio. Então, entramos na ideia de Schinner (2004), em que o autor nos fala que a narração é mais descritiva e também, na ideia de Harris e Chantler (1998), quando os autores nos descrevem que no rádio, há uma valorização no uso da linguagem em coberturas esportivas.

1º tempo: 00'00'' a 00'48'' - Agora sim! Apita o árbitro, saída de bola para o Grêmio. A bola é recuada para Artur, Artur para Edilson, Edilson bateu com o lado externo do pé, levantou pro Cícero, Cícero levantou pra Luan, foi forte o passe a bola saiu na linha de lado. Ele tá dando arremesso lateral para o time do Equador. [Patrocinador] Stara, a Stara tem orgulho de ser brasileira! Lado esquerdo Ener Caicedo, colocado pra cobrança, levantou, cortou Artur para o Grêmio, meteu a bola na intermediária, ficou pra Minda tentou conduzir ali pelo meio tocou na direita, a bola foi para o jogador Marcos Caicedo, ele é ligeiro, levou, tocou a bola para o jogador Esterilla, tentou no meio, cortou a zaga do Grêmio, no rebote a bola ficou para Damián Diaz, Damian Díaz recua para Velasco, tocou na frente Esterilla tentou, cobertura, e a saída do goleiro do Grêmio Marcelo Grohe para pegar...

Neste momento temos o início de partida de Grêmio x Barcelona de Guayaquil. A primeira percepção que se tem é de que a Rádio Gaúcha não utiliza neste primeiro momento, de uma vinheta, que para Lima (2001), considera-se como um estímulo para o ouvinte. No instante em que Pedro fala: "*Apita o árbitro, saída de bola para o Grêmio...".*, o profissional já emenda para a narração. Considero isto como um fator que chama a atenção, pois este pesquisador que analisa a narração, já narrou um jogo de futebol em uma rádio de Tubarão, e todo o início de partida, sempre tocava uma vinheta entre o apito do árbitro e o início da descrição das jogadas. Na rádio em que este pesquisador narrava os jogos, a vinheta utilizada é para ter a transição entre o pré-jogo e a bola rolando.

Outra situação que chama a atenção é quanto a descrição das jogadas. Como nos recorda Stosch e Athaydes (2008), a narração precisa ter agilidade verbal e mental para descrever as jogadas. Uma das técnicas que Pedro utiliza para a narração esportiva no rádio é de que o profissional repete o nome dos jogadores, na transição de um lance e outro. Por exemplo: *[...] A bola é recuada para Artur, Artur para Edilson, Edilson bateu com o lado externo do pé, levantou pro Cícero, Cícero levantou pra Luan, foi forte o passe a bola saiu na linha de lado. [...]*

Podemos analisar ainda que diferente da TV o narrador se descrever tudo o que passa na imagem, acaba se tornando redundante, no rádio a narração mais descritiva se torna importante e essencial para o narrador, pois o ouvinte não vê o que o profissional vê durante a transmissão. Com isso, Pedro se apega a pequenos detalhes como*: [...] bateu com o lado externo do pé [...]*. Assim, confirma-se a ideia proposta por Schinner (2004), em que o literato nos conta que a narração no rádio é mais descritiva.

1º tempo: 09'53'' a 10'18'' - [Sérgio Boaz] Edílson vai soltar a bomba, heim! [Pedro Ernesto] Calçados Pegada, a marca da conquista! Será que o Banguera vai fazer aquela barreira ridícula QUE fez lá e tomou o gol? Olha o Edílson! Ele é de bomba! Vai explodir Edílson, falta para o Grêmio, dez minutos...pra ficar louco de medo ali na barreira porque a bola bate...sei lá, que dor heim! Olha lá o Edílson pra explodir, bateu rasteiro e a bola foi pra linha de fundo, não pegou muito legal né, Sérgio?

Percebe-se neste trecho que enquanto a jogada segue e vai sendo formada a barreira para a cobrança de falta, Pedro Ernesto utiliza a criatividade – uma das carcterísticas destacadas por Lima (2001) – para proferir, de forma improvisada a seguinte frase: *[...] Olha*

o Edílson! Ele é de bomba! Vai explodir Edílson, falta para o Grêmio, dez minutos...pra ficar louco de medo ali na barreira porque a bola bate...sei lá, que dor heim! [...] Aliás, o improviso como foi citado anteriormente, é uma das ferramentas do narrador esportivo, como nos discorre Schinner (2004).

1º tempo: 20'33 a 20'58'' - Fernandinho vai cobrar o escanteio, a bola curta, ela foi dominada pelo Luan, Luan para Fernandinho, pé canhoto na bola soltou no meeeeio a tentativa do Geromel, a bola tá na linha de fundo. E o bandeira tá dando tiro de gol, e a torcida do Grêmio tá reclamando, Sérgio! [Sérgio Boaz] É! Chegou dividindo, por ali o zagueiro do Grêmio, com os braços abertos o Kanemmann, mas o tiro de gol foi marcado, segue zero a zero!

Neste trecho, o narrador conta nos mínimos detalhes cada momento da jogada, inclusive o pé que foi cruzada a bola na área. Ou seja, Perdro Ernesto confirma a ideia proposta de Schinner (2004), quando o autor nos fala que no rádio o narrador precisa estar em cima do lance para dar descrição a jogada. A partir do momento em que há uma melhor descrição da jogada, as palavras proferidas acabam mexendo com a imaginação do ouvinte, como nos conta Lima (2001).

1º tempo: 30'19'' a 30'53'' - Vai Cícero pela ponta direita, recua a bola para o Ramiro, Ramiro soltou para o Artur, Artur levantou a cabeça deu no meio, encontrou pra jogar o Jaílson, Jaílson vai conduzindo em direção à área adversária, empurrou a bola, pra Fernandinho, Fernandinho perde a bola para o Minda, Minda dá pra Velasco. Velasco sai pelo lado direito. Meteu a bola para o campo de ataque, Kanemann afastou! Voltou para Esterilla, dominou, ganhou do marcador, tentou levar, soltou, boa bola, Marcos Caicedo tá colocado por ali, dominou, marcado pelo Edílson, levou para o fundo do campo, cruzooooooou e Grohe pegooou....pega firme o goleiro do Grêmio, Zé Alberto!

Nesta parte da narração, percebe-se que enquanto a jogada acontece, Pedro Ernesto aumenta a sua entonação de voz à medida que vai se aproximando da área do sistema de defesa do Grêmio. Este recurso, nos traz mais uma vez a ideia proposta por Lima (2001), quando o autor nos conta que a narração esportiva no rádio mexe com a imaginação do ouvinte. Enquanto os equatorianos vão se aproximando para a área de ataque, o ouvinte torcedor gremista fica com uma certa aflição. O alívio do torcedor só acontece quando o profissional fala: *[...] Grohe pegooou....pega firme o goleiro do Grêmio, Zé Alberto!*

Outra situação interessante é que todo este misto de aflição com alívio, faz parte da emoção que o torcedor sente ao ouvir o jogo. Emoção essa que Schinner (2004), nos traz, ao discorrer que a mesma, faz parte de um dos combustíveis do narrador esportivo de rádio.

O autor também relata que, fazendo uma comparação entre rádio e TV, o rádio larga na frente neste quesito. Podemos considerar então que a entonação de voz, pode ser um dos fatores fundamentais para causar emoção ao ouvinte.

Ainda falando sobre a entonação de voz, Barbeiro e Rangel (2006) nos relatam que é preciso ter controle neste aspecto, ou seja, não dá para passar ao ouvinte um jogo bom, sabendo que o jogo está ruim. Quanto a isso, Pedro Ernesto segue à risca esta ideia imposta pelos autores. Ele aumenta o tom de voz, mas sem muitos exageros.

1º tempo: 32'07 a 34'10'' - É o Grêmio do Artur, Artur tocou pra Fernandinho, Fernandinho buscou o meio. Falta, o juiz não dá! A bola ficou dominada para o Minda, Minda tocou, soltou a bola para o Darmián Diaz, correu ali pelo meio levou, Esterilla está colocado pela ponta direita, foi lançado, pé canhoto na bola, soltou no meio Marcos Caicedo, recolheu, marcado pelo Edílson buscar jogada pessoal ainda ele levando, tocou na freeeeeente, corta Geromel para o Grêmio, volta a bola para Darmian Díaz, outra vez com Marcos Caicedo, PASSOU PELO EDÍLSON, PASSOU PELO GEROMEL, LEVOU PARA O FUNDO DO CAMPO CRUZAMEEEENTO, OLHA O PERIGO GOOOOOOOOLLL DO BARCELONAAA....GOOOOOOOOOOOOOOOLLL DO BARCELONAAAA...trinta e dois minutos de partida [Sérgio Boaz] Johnatam Alves! [Pedro Ernesto] Quem é? [Sérgio Boaz] Johnatam Alves! [Pedro Ernesto] Johnatam Alves o centroavante, tava ali depois de uma jogada estupenda do Marcos Caicedo, que entortou dois jogadores do Grêmio, deixou caídos [sic], dentro da grande área, cruzou, e Jhonatam Alves tá marcando...o gol, o gol número um do Barcelona. Mas continua três a um, continua folgado para o Grêmio Zé Alberto!

Neste momento da transmissão, é necessário que se destaque diversos fatores pesquisados anteriormente. No primeiro momento, Pedro Ernesto tem um ritmo de narração – embasamento proposto por Schinner (2004) – muito forte e muito rápido. É um ritmo de narração, que parte do princípio Melodramático.

Com isso, logo trazemos a ideia de Soares (1994), quando a autora realiza uma comparação entre o rádio e o teatro, em que os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. O uso de verbos e a repetição de nomes, acabam facilitando o narrador a ter um ritmo rápido. Percebemos a utilização de verbos e repetição de nomes, no seguinte momento: *É o Grêmio do Artur, Artur tocou pra Fernandinho, Fernandinho buscou o meio. Falta, o juiz não dá! A bola ficou dominada para o Minda, Minda tocou, soltou a bola para o Darmián Diaz, correu ali pelo meio levou, Esterilla está colocado pela ponta direita [...]*

Vimos mais uma vez que a medida que o time do Barcelona vai se aproximando do campo de ataque, Pedro Ernesto aumenta o seu tom de voz: *[..] volta a bola para Darmian Díaz, outra vez com Marcos Caicedo, PASSOU PELO EDÍLSON, PASSOU PELO GEROMEL, LEVOU PARA O FUNDO DO CAMPO CRUZAMEEEENTO [...]*

Outra situação importante é a presença fundamental de uma equipe de esportes para auxiliar no andamento da transmissão, como nos mostra Barbeiro e Rangel (2006). É perceptível esse auxílio, quando o repórter Sérgio Boaz interrompe a descrição da fala de Pedro Ernesto, para relatar quem fez o gol da partida: *[...] trinta e dois minutos de partida [Sérgio Boaz] Johnatam Alves! [Pedro Ernesto] Quem é? [Sérgio Boaz] Johnatam Alves! [Pedro Ernesto] Johnatam Alves o centroavante [...]*.

As informações são passadas de forma bem detalhada, sem deixar passar nada desapercebido ao ouvinte, trazendo assim, a ideia de Esaa (2003), em que o autor nos fala que pequenos detalhes na cobertura esportiva, podem ser fundamentais.

Esta informação que o repórter José Alberto Andrade passa, nos remete a ideia passada pelo site Significados, de que jornalismo é uma atividade informativa e ainda a ideia de Barbeiro e Rangel (2006), em que o jornalista pode exercer mais uma função, ou seja: a de narrador, repórter e plantonista.

1º tempo: 43’21 a 44’20’’ - Jailson tá recuando a bola para Geromel, Geromel meteu a bola no campo de ataque, Arreaga chegou cortando, deu para Oyola, Oyola recua a bola, ela é do Ener Caicedo, tocou a bola para o Marcos Caicedo, família Caicedo jogando ali pelo lado esquerdo, outra vez, Ener Caicedo foi lançado. Quarenta e três e meio, um a zero para o Barcelona. Três a um no agregado, o Grêmio tá indo para a final da Copa Libertadores da América. A bola foi tocada onde está colocado o Minda, Minda recolhe, Minda tentou jogar, tocou a bola para o jogador Darmián Díaz, ele

recua a bola, outra vez com Minda, Minda dá para Arreaga, empurrou a bola curta, encontrou colocado Oyola por ali, Oyola faz o domínio, procura jogar na frente, jogou a bola, bola foi dominada pelo centroavante Jhonatam Alvez...[Marcos Bertoncello] Tem gol! [Pedro Ernesto] Ele foge do marcador, toca a bola, encontra colocado na direita o Velasco, Velasco tentou, soltou a bola para o Esteriiiiilla...caiu, juiz marcou a falta, o gol é de quem?

Podemos observar neste trecho observar também em um determinado momento, que Pedro perde um pouco sua linha de raciocínio para descrever a jogada em si e para isso, o narrador utiliza o recurso do improviso, para depois voltar a descrever as jogadas com mais facilidade. Isso é visto a partir do momento em que ele diz: *[...] Quarenta e três e meio, um a zero para o Barcelona. Três a um no agregado, o Grêmio tá indo para a final da Copa Libertadores da América. [...]*

Falando um pouco sobre o ritmo de narração, observamos ainda que o plantonista Marcos Bertoncello interrompe a transmissão para dizer: Tem gol! Mas mesmo assim, Pedro espera o lance da partida terminar, para depois perguntar ao seu companheiro de transmissão de quem foi o gol. Com essa situação realizada pelo narrador, é preciso salientar a ideia proposta por Schinner (2004), de que o narrador precisa estar em cima do lance.

Ainda sobre a informação do plantonista, vimos através de Guerra (2006) que enquanto a TV traz dados numéricos de passes, chutes, cruzamentos, entre outros fundamentos do futebol, através dos GC´s, o rádio por sua vez traz uma prestação de serviço, com informações jornalísticas de trânsito, ou das notícias que acontecem no mundo todo.

A informação do gol relatada pelo plantonista, não deixa de ser uma prestação de serviço, pois o ouvinte com a informação passada, acaba de desprendendo de toda aquela atmosfera da partida do Grêmio, para saber o resultado de um outro jogo, em um outro campeonato e com isso, acaba ficando atualizado em tudo o que acontece no mundo do futebol.

2º tempo 00’00’’ a 00’46’’ - O árbitro olha pra todos os lados, apita, autoriza. Começa o jogo, a bola foi recuada pra Ener Caicedo, tocou para Oyola, Oyola tocou pra Ener Caicedo, tentou abrir, abriu na ponta esquerda, a bola foi para Marcos Caicedo,

que saiu da ponta, foi pro meio, driblou o primeiro adversário, recuou a bola para Ener Caicedo, recua a bola pra Oyola, Oyola deu pro Marcos, Marcos tentou para o Eneeeer Caicedo a bola foi tirada. Tirada lá pro campo de ataque, foi o Fernandinho, foi Velasco, Fernandinho empurrou o adversário, o juiz disse que não houve nada, a bola voltou pra Luan, Luan disputou entre dois adversários. Eles fazem uma marcação muito plena em cima do Luan. A bola foi ali no Artur, tocou pra Ramiro, Ramiro tá recuando para Edílson, Edílson estendeu pro Ramiro, bola bola, Cícero tá colocado pelo meio, recebeu, chutou fraquinho. Banguera pegou, Zé Alberto!

Vimos através deste trecho, que a linguagem de Pedro Ernesto para descrever um lance, é muito simples e coloquial. Além disso, Pedro abrevia certas palavras como: para; está. Esta linguagem mais simples e coloquial, faz com que o narrador acabe ganhando uma certa popularidade perante aos ouvintes, principalmente os que são de classes sociais menos favorecidas, pois há uma identificação entre o ouvinte e o narrador. A popularidade é uma das características do narrador esportivo e que foi proposta por Lima (2003).

Outra ideia que pode ser confirmada neste trecho é a de Barbeiro e Rangel (2006), de que narrar no rádio, é apenas expor os fatos. Pedro ainda confirma uma das características propostas por César (1999) que é a naturalidade, ou seja, o narrador descreve as jogadas com muita naturalidade e simplicidade.

2º tempo: 09’38’’ a 10’05’’ - Falou Cleber Grabauska, em nome cerveja Schin, do jeito que o Gaúcho gosta, bem geladinha, com o pão de alho Santa Massa, e cortes temperados da Languiru, seu churrasco perfeito! Damián Díaz procura fazer jogada ali pela ponta esquerda, soltou no meio, a bola foi pra ele, tocou, Esterilla dominou, bateu, no poooooooosste a bola vai pra linha de fundo! O Grêmio escapa de levar o segundo gol, Marcelo Grohe batido, Esterilla tava marcando. Olha só que perigo, Sérgio?

Como vimos anteriormente, Pedro Ernesto acaba ganhando uma certa popularidade por conta de sua linguagem simples e coloquial. Pegando o gancho sobre essa popularidade, logo lembramos também da ideia de Schinner (2004), quando o próprio nos aborda que o narrador se torna um comunicador social. Esta ideia de que o narrador se torna um comunicador social, pode ser vista através da caixa de texto do patrocinador, que Pedro Ernesto lê, após o comentário de Cléber Grabauska: *Falou Cleber Grabauska, em nome*

cerveja Schin, do jeito que o Gaúcho gosta, bem geladinha, com o pão de alho Santa Massa, e cortes temperados da Languiru, seu churrasco perfeito!

Através deste trecho, podemos observar que Pedro une o útil ao agradável: além de ler a caixa de patrocinador, Pedro de forma descontraída, "sugere" aos ouvintes para comprar as marcas citadas, para fazer um bom churrasco. Isso dá uma ideia de socialização entre ouvinte e narrador, estreitando o laço de amizade entre eles, confirmando assim a ideia de que o narrador é um comunicador social.

2º tempo: 18'51 a 20'33'' - São dezenoves minutos...Esterilla leva o time do Barcelona para o ataque....é marcado por dois adversários, recua a bola para o meio de campo, tocou para Damián Díaz que soltou para o Oyola. [Zé Alberto] Jael...[uma pausa na narração de Pedro Ernesto]...Jael, o cruel vem aí! [Pedro Ernesto] Oyola soltou, numa bola curta encontrou colocado Esterilla ali pelo lado esquerdo, dominou, recuou, tocou a bola outra vez para Damián, Damián recolhe pé direito na bola soltou do outro lado, errado o passe EVERTON SE APROVEITA, JÁ PASSOU PELO PRIMEIRO, CHEGOU EM DIREÇÃO A GRANDE ÁREA, LÁ VAI EVERTON, É DO JEITO QUE ELE GOSTA, LEVOU PRO FUNDO DO CAAAAAAAMPO, ESCORREGOU, CAIU NÃO HOUVE NADA! A bola foi tirada, ficou no Velasco. Velasco levantou para o campo de ataque, CORRTA KANEMAANN, toca a bola para Cortêz. Cortêz procura desenvolver a correria ali pelo lado esquerdo, recua a bola, soltou no Jaílson, Jaílson procurou o meio tocou a bola para Luan, Luan recolhe no meio do campo é marcado, faz a bola chegar no Jaílson, Jaílson deixou pra trás o marcador, recua a bola, soltou no Luan, Luan procura jogar, ganha do marcador, toca a bola pro Ramiro, Ramiro abriu na direita, ali está colocado o jogador Edílson, Edílson deu pro Ramiro, RAMIRO PRO LUAN, TENTOU DEVOLUÇÃO COORRRRTA BEM COLOCADO O VELASCO pra intermediária. É o Grêmio que tá chegando agora, levando perigo. A bola foi pro Artur, Artur faz a volta sobre si mesmo e ganha do adversário. TOCOU PRO EVERTON, ARTUR NA ÁÁÁREA NÃO DOMINA, ARREAGA TÁ CORTANDO. Levanta lá para o campo de ataque, corrrrta Kanemann para o Grêmio, voltou a bola para o Alvez, Alvez para Damian, Damián tocou a bola, pro Marcos Caicedo, mas antes o juiz da partida tá parando....

Este trecho da narração para o pesquisador, foi considerado como um dos mais importantes da partida, pois o jogo estava em um ritmo frenético e o Grêmio vivia o seu melhor momento na partida, buscando o gol de empate.

Vimos também neste trecho que a narração de Pedro Ernesto parece uma montanha russa: uma narração tranquila até o momento em que o Grêmio chegava para o campo de ataque e partir daí o narrador aumentava o seu tom de voz, para descrever a chegada da equipe da casa ao campo de ataque. Digo que parece que foi uma montanha russa, pois isso aconteceu por pelo menos três vezes nestes dois minutos de narração.

Diante deste fato, percebemos um comportamento bairrista na narração de Pedro Ernesto Denardim, ou seja, o narrador estaria então, sendo um "torcedor" do Grêmio, não só por ser um time brasileiro, mas sim, um time do Rio Grande do Sul, estado pelo qual o profissional trabalha na Rádio Gaúcha. Este comportamento, contraria a ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), de que o narrador precisa ter um comportamento imparcial diante dos times que estão realizando a partida.

Falando ainda do ritmo de narração, percebemos ainda que a ferramenta acaba mexendo com a imaginação do ouvinte, como nos descreve Lima (2001), e cria uma expectativa para o torcedor Gremista, para o mesmo se preparar porque pode vir o gol do seu time, algo que não aconteceu.

Então, através da narração de Pedro, cria-se uma emoção em cima da descrição das jogadas, justamente por criar esta expectativa do Grêmio chegar ao gol de empate e com isso, o torcedor poder comemorar, ou extravasar. Emoção essa, que pode ser retratada nos fundamentos de Schinner (2004), quando nos retrata que o rádio na larga na frente neste quesito. O autor retrata ainda que a emoção, é um dos combustíveis para o narrador realizar uma boa transmissão esportiva no rádio.

2º tempo: 29'49'' a 30'31'' – Tempo e placar do Futebol da Gaúcha...[solta a vinheta] Olha só que promoção, heim! Box em preços especiais e em condições especiais que a Stara tá colocando pra você, não perca! OLHA O BARCELONA NA PONTA DIREITA, CRUZAMENTO A BOLA PASSOU, EDÍÍÍLSON TIRA DE QUALQUER MANEIRA, toca a bola ali, chegou Artur cortando de cabeça, empurrou a bola pro Everton, Everton recolhe, esticou na ponta esquerda, lá vai o grêmio para o campo de ataque, agora o Everton, o cara chegou no meio dele quase repartiu ele pelo meio.

Vamos lá, trinta minutos, Grêmio perde por um a zero, mas no agregado, três a um para o Grêmio e o Grêmio está indo para a final da Copa Libertadores da América contra o Lanús, Bertoncello!

Observamos neste trecho da transmissão, que Pedro Ernesto chama o tempo e placar, identificada por uma vinheta, porém, percebemos ainda que o jogo se encaminha para o final e que cada lance pode ser decisivo para o andamento do resultado da partida.

Logo, o narrador não deixa passar nenhum detalhe de cada lance da partida, para enfim, depois do lance, dizer quanto tempo falta e assim, chamar o plantonista para passar as informações de momento. Pedro valoriza o uso da linguagem, como nos descreve Harris e Chantler (1998), ao dar mais importância a jogada em si, do que o tempo e placar.

2º tempo: 39'25'' a 40'00'' - Será que o Grêmio vai cobrar...é! curtinho outra vez! a bola ficou no Everton, Everton dominou, tentou jogar, jogou, a bola foi pro Luan PÉ DIREITO CRUZOU O GOLEIRO [INAUDÍVEL] A BOLA CAIU NO PÉ DO JOGADOR DO BARCELOOONA. Foi tirada para o campo de ataque, foi lá o Velasco, tentou dominar, Cortêz tira a bola dele. Vai lá pro fundo do campo o Marcelo Grohe, vai também...e Marcelo toca a bola pela linha de lado, portanto evita o escanteio! QUARENTA MINUUUUTOS!!! TÁ TERMINANDO O JOGO E O GRÊMIO ESTÁ INDO PARA MAIS UMA FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! Quantas vezes Bertoncello, o Grêmio já chegou nesta condição de finalista da Libertadores?

Chegamos a quarenta minutos de segundo tempo e a expectativa para o fim da partida, tanto para o narrador quanto para o torcedor só aumenta. Esse momento pode ser bem definido, quando Pedro fala: *[...] QUARENTA MINUUUUTOS!!! TÁ TERMINANDO O JOGO E O GRÊMIO ESTÁ INDO PARA MAIS UMA FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! [...]*

É preciso observar que neste momento da partida, é preciso que se tenha um controle emocional, como nos descreve Schinner (2004), pois, apesar de ser um momento de euforia, é preciso que o narrador não exagere.

Assim, podemos abordar também a ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), em que os autores falam sobre o comportamento do narrador em uma transmissão esportiva.

Os autores discorrem que o narrador precisa ter um comportamento de imparcialidade, ao irradiar uma partida de futebol.

Ainda é preciso salientar que faltando aproximadamente de cinco a oito minutos para acabar a partida, a equipe adversária tinha condições de reverter o placar e com isso, a atmosfera do jogo poderia mudar: a alegria de se classificar, daria lugar a apreensão de uma iminente eliminação na competição.

Com isso, podemos observar na sequência que, para tentar conter a emoção num momento como aquele, Pedro Ernesto dá a deixa para o plantonista Marcos Bertoncello poder passar a informação necessária através da pergunta: *[...] Quantas vezes Bertoncello, o Grêmio já chegou nesta condição de finalista da Libertadores?*

Com todo este equilíbrio através da deixa passada, a Rádio Gaúcha como um todo através de sua equipe esportiva, não deixa perder a credibilidade, uma dos combustíveis citados por Schinner (2004).

2º tempo: 45'00 a 49'03'' – QUARENTA E CINCOOO!!! [Zé Alberto] Mais quatro! [Pedro Ernesto] FALTAM QUATRO MINUTOS PARA O GRÊMIO CONFIRMAR...TÁ ALI O ÁRBITRO RESERVA INDICANDO QUATRO MINUTOS...Daqui a pouco nós vamos eleger o Craque do jogo! CRAQUE RÁDIO GAÚCHA – CALÇADOS PEGADA! VAI TERMINAR A PARTIDA E O TORCEDOR FAZ FESTA. [...] Ariel, tentou dominar, foi desarmado a bola ficou para o Artur, chegamos a quarenta e seis, só três minutos...É SÓ SEGURAR A BOLA. ELA FOI NO JAEL, TÁ ALI O CRUEL, DOMINOU PELO LADO DIREITO, PÉ DIREITO NA BOLA, SOLTOU PRO LUAN CORRRRRTA BEM COLOCADO O ZAGUEIRO MINDA! Minda tira a bola para o campo intermediário, foi para o Minda, Minda tocou a bola para o jogadorrrr...camisa número dezoito Oyola, Oyola tentou para o campo de ataque. a bola foi, para onde está colocado o Castilho, Castilho procura jogar é desarmado, Edílson tem a bola! QUARENTA E SEIS MINUTOS E QUINZE! DOIS E QUARENTA E CINCO PARA O GRÊMIO GRITAR É FINALISTA DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA! FEZ TRÊS A ZERO, FEZ GOLEADA EM GUAYAQUIL, ADMINISTROU, FOI PROTOCOLAR, FEZ O QUE TINHA QUE FAZER, TOMOU UM GOL, SE ASSUSTOU UM POUCO, MAS NÃO O SUFICIENTE PARA PARAR. A FESTA É GRANDE O TORCEDOR PULA!!! A ARENA TODA TÁ

SACODINDO NESSE MOMENTO!!! SÃO CINQUENTA E CINCO MIL TORCEDORES QUE PULAM, QUE FAZEM FESTA PORQUE O GRÊMIO É FINALISTA DA COPA LIBERTADORES!!! QUARENTA E SETE MINUTOS!!! Faltam dois!!! FALTAM SÓ DOIS MINUTINHOS!!! MISERÁVEIS MINUTINHOS PARA QUE POSSAMOS CONTAR, QUE O RIO GRANDE DO SUL PELO GRÊMIO ESTÁ NA FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! QUARENTA E SETE MINUTOS!!! UMA FESTA TOTAL, TOTAL AQUI NA ARENA, A FESTA DOS GREMISTAS QUE ESTÃO IMAGINANDO: O GRÊMIO TRI-CAMPEÃO DA AMÉRICA, O GRÊMIO INDO JOGAR O CAMPEONATO MUNDIAL CONTRA O REAL MADRID!!! TUDO ISSO ESTÁ POR VIR!!! É O LANÚS O PRÓXIMO ADVERSÁRIO: O PEQUENO TIME DO BAIRRO DE BUENOS AIRES, QUE ELIMINOU O RIVER E QUE VAI ESPERAR O GRÊMIO!!! Foi lançado Ariel, tentou dominar, foi desarmado...corrrrtou de qualquer maneira o Edílson tocou a bola pela linha de lado! QUARENTA E SETE E MEIO! UM MINUTO E MEIO, NADA MAIS DO QUE ISSO, UM MINUTO E MEIO E O GRÊMIO ESTÁ SENDO FINALISTA PELA QUINTA VEZ DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! A bola foi tocada no Oyola, Oyola soltou na esquerda, soltou Caicedo, levantou na área do Grêmio, cortou Jadílson. Rebote de bola, a bola ficou no Luan, Luan faz o domínio, é atacado, procura tirar do marcador é derrubado e o árbitro marca a falta! QUARENTA E OITO!!! QUARENTA E OITO!!! Estamos na contagem regressiva...NA CONTAGEM REGRESSIVA QUE LEVA O GRÊMIO PARA A FINAL DA COPA LIBERTADORES!!! A CONTAGEM REGRESSIVA QUE HABILITA O GRÊMIO A SER CAMPEÃO DA AMÉRICA!!! A CONTAGEM REGRESSIVA QUE PROMOVE...UMA FESTA EXTRAORDINÁRIA NO BAIRRO HUMAITÁ!!! SÃO CINQUENTA E CINCO MIL VOZES GREMISTAS QUE DELIRAM FORTEMENTE, QUARENTA E OITO E QUINZE!!! QUARENTA E OITO MINUTOS E QUINZE, VAI TERMINAR!!! VAI TERMINAR A PARTIDA E O GRÊMIO ESTÁ NA FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! LÁ EM GUAYAQUIL O GRÊMIO APLICOU TRÊS A ZERO NESSE TIME, AQUI ELES VIERAM COM FORÇA E TENTARAM JOGAR, MAS NÃO DEU!!! QUARENTA E OITO MINUTOS E MEIO!!! Trinta segundinhos, SÓ TRINTA SEGUNDINHOS!!! VAMOS TER UMA GRANDE FESTA, A FESTA JÁ TÁ FEITA AQUI DENTRO DA ARENA!!! Ariel tentou o golpe de cabeça. O Grêmio tem a bola, Edílson tá tirando e

metendo a bola pela linha de lado! QUARENTA E OITO E QUARENTA E CINCO!!! QUARENTA E OITO E QUARENTA E CINCO!!! TOBAR, DEU TOBAR!!! [...] TERMINA, TOBAR, TERMINOU, TERMINOU, TERMINOU!!! QUARENTA E OITO E CINQUENTA E CINCO!!! TERMINOU, TOBAR!!! Ele vai dar ainda o arremesso lateral favorecendo o time do Barcelona!!! TERMINOU, QUARENTA E NOVE!!! TOBAR TERMINOU, TÔ TE AVISANDO TOBAR!!! PARA COM ISSO!!! OLHA A BOLA ALI CASTIIIIIIILHO, CHEGA PRA CORTAR ARTUR!!! TERMINOU TOBAR, TERMINOU, TERMINOU, TERMINOU!!! NA FINAL, NA FINAL, NA FINAL, NA FINAL, NA FINAAALLL!!! O GRÊMIO TÁ FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! O GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS, O GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS, A FESTA DO TORCEDOR É TOTAL!!! A FESTA É EXTRAORDINÁRIA!!!

Diferente do que foi visto no trecho anterior, o que vimos nesta passagem de quatro minutos é de que há muita euforia, e muita expectativa para o Grêmio conquistar a vaga na final da Copa Libertadores da América.

O que antes era possível de reverter a situação, caso o adversário fizesse dois gols em oito ou nove minutos, já não era mais tão possível assim. A vaga para a grande final da Libertadores era questão de tempo.

Por isso, todas as regras que antes eram impostas durante a transmissão de equilíbrio emocional e valorização do uso da linguagem acabam caindo por terra.

Pedro Ernesto procura entre uma jogada e outra, descreve a atual situação do jogo, como se fosse um poema, criando assim uma expectativa enorme para o torcedor Gremista.

Logo, retratamos a ideia proposta por Soares da comparação entre Rádio e Teatro em que o narrador faz o espetáculo e os ouvintes aplaudem. Há uma espetacularização muito grande em cima do que se espera nos minutos seguintes. Tudo isso, utilizando o recurso do improviso, como nos mostra Schinner (2004). Percebemos o improviso, principalmente nos seguintes trechos: *[..] QUARENTA E SEIS MINUTOS E QUINZE! DOIS E QUARENTA E CINCO PARA O GRÊMIO GRITAR É FINALISTA DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA! FEZ TRÊS A ZERO, FEZ GOLEADA EM GUAYAQUIL, ADMINISTROU, FOI PROTOCOLAR, FEZ O QUE TINHA QUE FAZER, TOMOU UM GOL, SE ASSUSTOU UM POUCO, MAS NÃO O SUFICIENTE PARA PARAR. A FESTA É GRANDE O TORCEDOR*

PULA!!! A ARENA TODA TÁ SACODINDO NESSE MOMENTO!!! SÃO CINQUENTA E CINCO MIL TORCEDORES QUE PULAM, QUE FAZEM FESTA PORQUE O GRÊMIO É FINALISTA DA COPA LIBERTADORES!!! [...]

Ainda vimos o recurso do improviso em outro momento: *[...] A FESTA DOS GREMISTAS QUE ESTÃO IMAGINANDO: O GRÊMIO TRI-CAMPEÃO DA AMÉRICA, O GRÊMIO INDO JOGAR O CAMPEONATO MUNDIAL CONTRA O REAL MADRID!!! TUDO ISSO ESTÁ POR VIR!!! É O LANÚS O PRÓXIMO ADVERSÁRIO: O PEQUENO TIME DO BAIRRO DE BUENOS AIRES, QUE ELIMINOU O RIVER E QUE VAI ESPERAR O GRÊMIO!!! [...]*

Essa espetacularização em torno de uma possível classificação do Grêmio a final da Copa Libertadores, é totalmente escancarada, quando faltam 15 segundos para acabar a partida. Pedro praticamente se torna um torcedor do Grêmio nesses segundos que faltam, dando a ideia de um bairrismo em torno da transmissão. Isso pode ser comprovado a partir do momento em que o narrador pede para o árbitro terminar a partida: *QUARENTA E OITO E QUARENTA E CINCO!!! QUARENTA E OITO E QUARENTA E CINCO!!! TOBAR, DEU TOBAR!!!*

Esta ideia de bairrismo, como citamos anteriormente, contrasta a ideia de Barbeiro e Rangel (2006), de imparcialidade, ou seja, de que o narrador deve ter um comportamento imparcial diante do que é transmitido.

Quando chega aos 49 minutos, temos a nítida ideia de que Pedro fala exatamente, o que o torcedor – independente de classe social ou raça - está ouvindo gostaria de falar para o árbitro: *[...] TERMINOU, QUARENTA E NOVE!!! TOBAR TERMINOU, TÔ TE AVISANDO TOBAR!!! [...]*

Logo, lembramos da ideia de popularidade imposta por Lima (2001), quando o autor nos fala que o rádio é o mais popular e democrático dos veículos de comunicação de massa, justamente por sua penetração, atingindo a todo e qualquer cidadão.

O alívio do torcedor Grêmio só acontece quando Pedro Ernesto fala: *[...] TERMINOU, TERMINOU, TERMINOU!!! NA FINAL, NA FINAL, NA FINAL, NA FINAL, NA FINAAALLL!!! O GRÊMIO TÁ FINAL DA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA!!! O*

GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS, O GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS, A FESTA DO TORCEDOR É TOTAL!!! A FESTA É EXTRAORDINÁRIA!!!

Percebe-se nesta fala, um discurso muito subjetivo, muito usado por comunicadores, como nos retrata Schinner (2004). Pedro poderia ser mais simples e poder dizer: "o Grêmio está na final da Copa Libertadores da América", mas não, decidiu utilizar o recurso da verborragia para explicar ao torcedor que o time gaúcho está classificado a grande final da competição. Schinner (2004), realiza uma breve diferenciação entre o discurso do narrador e do comunicador.

O discurso do narrador é mais simples e objetivo. Já o discurso do comunicador é mais longo e subjetivo, como foi mostrado na citação de Pedro anteriormente.

Percebemos também que, assim como Galvão Bueno utiliza de bordão como o "*Bem Amigos, da Rede Globo..."* Pedro Ernesto também tem um bordão, que é o *DEMMMAAAAAAAIS,* ao referir-se da atuação do time na partida. Podemos perceber o uso do bordão no momento em que ele fala: *O GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS, O GRÊMIO É DEMMMAAAAAAAIS [...]*

Ao final desta análise, percebemos também que Pedro Ernesto Neste trecho, Ernesto além de ter um ritmo de narração muito forte e muito rápido, o narrador realiza também uma descrição de jogadas simples e objetiva. Logo, lembramos da ideia proposta por Barbeiro e Lima (2001), quando os autores ressaltam que o narrador tem que fugir das frases e gírias que estão em desuso.

5.4. MÁRIO LIMA

Após a profunda análise do narrador da Rádio Gaúcha Pedro Ernesto Denardim, vamos analisar por último o narrador da Rádio Eldorado Mário Lima. Mas antes, faremos um breve resumo histórico de sua carreira.

Em entrevista feita por acadêmicos de jornalismo da FAMECOS/PUC-RS para o projeto “Vozes do Rádio”, e divulgado no site “Eu Sou Famecos”, Mário Antônio Lima nasceu na cidade de Arroio do Tigre, cidade próxima a Sobradinho no centro do Rio Grande do Sul, em 14 de maio de 1951. Antes de ser radialista, Mário foi jogador de futebol dos 16 aos 23 anos em União da Vitória, no planalto norte de Santa Catarina, divisa com o Paraná. Na época, Mário se contundiu antes de realizar a estreia no Campeonato Paranaense.

O então jogador realizava diversas entrevistas porque era o jogador mais adiantado no currículo escolar do que os demais jogadores do elenco e logo, estas entrevistas, se tornavam belas de se ouvir.

Pelas belas entrevistas que realizara, Lima foi convidado a participar das transmissões de um campeonato estudantil que havia na cidade. Como conhecia as regras do basquete, vôlei e outros esportes, acabou sendo convidado para narrar alguns jogos destas modalidades esportivas. Entre narrar e jogar futebol, Lima preferia narrar. Adorava ouvir rádio e com isso, fez disso sua profissão.

Após a narração, Mário começou a narrar na radio AM 1320, através dos jogos preliminares do Campeonato Paranaense. No começo foi de graça.

Após esta passagem, Mário se tornou repórter policial e narrador da Rádio Difusora de Lages. Mário ainda retornara a Curitiba para trabalhar na rádio Universo, um ano depois, como terceiro narrador da rádio. Passou pelo interior do RS, como Caxias do Sul e Novo Hamburgo. E em 1979 recebeu um convite para trabalhar na rádio Ribamar, de São Luis do Maranhão, onde ficou trabalhando por um ano no local.

Em 1980, Mário foi convidado para trabalhar pela rádio Sociedade da Bahia. Na Bahia, Mário narrou sua primeira Copa do Mundo em 1982. Depois passou pela Rádio Verdes Mares e teve ainda uma passagem pelo Rio de Janeiro. Logo após, retornou para Salvador pela rádio Clube, e em 1985 recebeu um convite para trabalhar na rádio Difusora, em Porto Alegre, atual Bandeirantes. Onde ficou até 1990, quando a rádio fechou as portas por motivos

financeiros. Depois, Mário Lima se transferiu para a TV Educativa onde foi chefe de esportes da emissora. Nesta época, passou a ser free lancer da Rádio Eldorado de Criciúma, onde, segundo o próprio narrador em entrevista, diz ter feito uma passagem fantástica na época.

O auge de sua carreira foi na Rádio Eldorado, onde narrou à campanha do Criciúma Esporte Clube na Copa do Brasil. Retornou a Porto Alegre em 1995, quando a Rádio Bandeirantes reabriu. Em 1999, retornou a Criciúma para trabalhar na Rádio Eldorado e ficou trabalhando na emissora até 2010. Depois, se transferiu para a Rádio Guaiba, mas não saiu da Eldorado. Nesta época, realizava as narrações para as duas emissoras até agosto de 2016, quando saiu da Rádio Guaíba. Mário Lima é atualmente narrador da Rádio Eldorado AM 570 de Criciúma, onde narra os jogos da equipe local em campeonatos como o Campeonato Catarinense; Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro Série B.

5.4.1 ANÁLISE DA NARRAÇÃO DO JOGO ENTRE CRICIÚMA X NÁUTICO 14/11/2017 – 36ª RODADA DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE B

Começamos então a análise da narração do jogo entre Criciúma x Náutico, narrado por Mário Lima, atual narrador da Rádio Eldorado Am 570 de Criciúma. Na equipe esportiva estão além do narrador, o comentarista Reginaldo Corrêa, os repórteres Zildomar Schlemper e Márcio Cardoso; o repórter de torcida Jota Éder e o plantonista Dênis Luciano.

Pré-Jogo – Alô Brasil! Se é pra fazer silêncio eu peço e se é pra fazer barulho, eu mesmo faço! Rompendo fronteiras; cruzando horizontes e espalhando a cultura e os costumes do futebol de Santa Catarina, para todos os lugares do mundo, estamos no ar porque pelas ondas do rádio, não há distância que nos separe...Dois mil e dezessete, dia quatorze...novembro; primavera brasileira...o calor do verão está chegando...e temos uma temperatura alta pra esta hora da tarde, quando estamos chegando próximo ao anoitecer aqui na pequena Bombonera de Santa Catarina, e será agora a partir de agora, uma tarde noite de futebol. O Criciúma joga...a sua penúltima, antepenúltima partida do Campeonato Brasileiro da Série B e joga na noite de hoje, diante do rebaixado Náutico, procurando marcar pontos, procurando se recuperar do insucesso do último jogo diante de um outro rebaixado, o ABC lá na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, para que ele Criciúma, possa somar mais pontos na competição. Se aproximar um pouco mais na ponta de cima da tabela de classificação, se manter com a maior dignidade possível na Série B, fato este consumado, e dar uma satisfação a sua torcida, porque a torcida, ela vai entender as coisas aqui, diante de vitórias. Aqui, ou em qualquer lugar do mundo! O torcedor quer saber de vitórias. Não vai se classificar para série A, mas isso era uma coisa mais ou menos presumível. Vai se manter na Série B e se possível com mais vitórias até o final da competição. Ao cabo do jogo da noite de hoje aqui, tarde noite de hoje aqui no estádio Heriberto Hulse. Faltarão duas partidas, mais uma no final de semana diante do Ceará, talvez o Ceará já habilitado para série A na próxima temporada e depois fechando a participação diante do Brasil de Pelotas, esse que também tá se mantendo aí de uma forma guerreira na série B do Campeonato Brasileiro para a próxima temporada. Estamos no ar com a verdadeira seleção do rádio de Santa Catarina, aqui no sul do Brasil com esta maior audiência desta banda meridional do país tropical. Em nome de Alianda Pisos e Azulejos, porque pisos e azulejos tem que ser na Alianda. Bistek Supermercados Preço Baixo todo dia. Kolina

Wolkswagem, DS Pneus Multimarcas, Faculdade Satc faculdade com conteúdo. Comercial Carlessi, Cliniimagem, Crédito imobiliário Bradesco, Unimed em Criciúma e Araranguá, e Catarinenses Marcas e Patentes que assina, pela bola do jogo que vai correr às dezenove horas e quinze minutos aqui no estádio Heriberto Hulse, para Criciúma e Náutico Capibaribe. Mais uma do tricolor no Campeonato Brasileiro, em nome de todos, boa noite Brasil esportivo.

Começamos esta análise detalhando algumas situações referentes a este trecho da abertura da Jornada proferida por Mário Lima. O narrador ao fazer a abertura da jornada esportiva na Rádio Eldorado, tem um linguajar rebuscado, mais antiquado, partindo para o princípio melodramático, assim como Pedro Ernesto. Porém sem um ritmo forte e impactante, como acontece com o primeiro narrador. É perceptível este linguajar mais rebuscado e antiquado, logo no momento em que Mário profere as primeiras palavras na jornada: *Alô Brasil! Se é pra fazer silêncio eu peço e se é pra fazer barulho, eu mesmo faço! Rompendo fronteiras; cruzando horizontes e espalhando a cultura e os costumes do futebol de Santa Catarina, para todos os lugares do mundo, estamos no ar porque pelas ondas do rádio, não há distância que nos separe...*

Além desse trecho, percebemos a linguagem rebuscada quando Mário retrará: *Ao cabo do jogo da noite de hoje [...]* e por fim, quando ele destaca a audiência da Rádio Eldorado: [...] *com esta maior audiência desta banda meridional do país tropical.[...]*

Logo, trazemos também a ideia de Soares (1994), quando a autora realiza uma comparação entre o narrador e o teatro, em que o narrador faz o teatro e os ouvintes aplaudem. Ainda podemos observar uma outra ideia, partindo de Jakobson (2003), quando o autor nos conta que quanto mais conhecimento, melhor a descrição.

Mário ainda adjetiva o estádio Heriberto Hulse do Criciúma, fazendo uma breve alusão com o estádio do Boca Juniors, a La Bombonera, no momento em que ele fala: *[...] próximo ao anoitecer aqui na pequena Bombonera de Santa Catarina [...]*. Isso acontece, pois, tanto a La Bombonera, quanto o Heriberto Hulse, são dois estádios pequenos, acanhados e praticamente a torcida fica rente ao campo de jogo, fazendo com que a pressão para os jogadores adversários seja maior que o normal.

Com isso, nota-se através deste pequeno trecho citado na abertura da jornada esportiva, que Mário possui uma criatividade muito grande, criatividade esta que pode ser uma das características para uma boa narração, conforme nos destaca César (1999).

Vimos também ainda na abertura da jornada, a utilização do recurso do improviso que para Schinner (2004), o improviso é a primeira técnica fundamental da narração é o improviso. Para o site Conceitos, improviso é a habilidade de lidar com algo sem planejamento próprio. Isso pode ser visto no momento em que ele fala: *[...] O Criciúma joga...a sua penúltima, antepenúltima partida do Campeonato Brasileiro da Série B e joga na noite de hoje, diante do rebaixado Náutico, procurando marcar pontos, procurando se recuperar do insucesso do último jogo diante de um outro rebaixado, o ABC lá na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, para que ele Criciúma, possa somar mais pontos na competição. Se aproximar um pouco mais na ponta de cima da tabela de classificação, se manter com a maior dignidade possível na Série B, fato este consumado, e dar uma satisfação a sua torcida, porque a torcida, ela vai entender as coisas aqui, diante de vitórias. Aqui, ou em qualquer lugar do mundo! O torcedor quer saber de vitórias. Não vai se classificar para série A, mas isso era uma coisa mais ou menos presumível. Vai se manter na Série B e se possível com mais vitórias até o final da competição. Ao cabo do jogo da noite de hoje aqui, tarde noite de hoje aqui no estádio Heriberto Hulse. Faltarão duas partidas, mais uma no final de semana diante do Ceará, talvez o Ceará já habilitado para série A na próxima temporada e depois fechando a participação diante do Brasil de Pelotas, esse que também tá se mantendo aí de uma forma guerreira na série B do Campeonato Brasileiro para a próxima temporada.[...]*

Assim como Galvão Bueno e Pedro Ernesto Denardim, que utilizam alguns bordões como marca registrada, Mário Lima também tem vários bordões. Uma das frases que é marca registrada de Mário, é a que foi citada no início da abertura da jornada: *[...] Se é pra fazer silêncio eu peço e se é pra fazer barulho, eu mesmo faço! [...]*

A utilização destes bordões, acaba criando uma identificação com o povo, como nos descreve Guerra (2006). Ou seja, são bordões que só estes narradores irão usar, e que com isso, o ouvinte ao escutar este bordão, irá logo identificar quem está narrando.

Mário através de seu linguajar rebuscado, e com seu jeito de narrar que lembra os narradores dos anos 70, cria uma empatia entre o profissional e o ouvinte, estreitando os laços

de amizade, fazendo com que algumas pessoas, ouçam os jogos só na Eldorado por causa da narração dele, independente de quem quer que seja: desde o mais pobre ao mais rico. Logo, lembrando a ideia proposta por Lima (2001), em que o autor fala da popularidade do rádio. Para o autor, o rádio é o mais popular e democrático dos veículos de comunicação de massa, justamente por sua penetração, atingindo a todo e qualquer cidadão.

1º tempo: 00’00 a 00’37’’ - Apita o árbitro, já deitaram a moça branca, e ela está rolando, torcedor ouvinte do sul do mundo. [Solta a vinheta da assinatura de Mário Lima] Criiiiciúma e Náutico aqui, pra encher os olhos da pequena Gabriela que está por aqui. Já começou atacando o time do Náutico, já começou complicando a defesa do Criciúma. O Rafael Silva já deu um rapa no cara ali, já é falta perigosa contra o time tricolor Schlemper! [Zildomar Schlemper] É falta sim! O Rafael Silva chegou, meio sem jeito ali pra cima....e já recebe o cartão amarelo inclusive, pra cima do atacante, da camisa nove, o Jerônimo, e recebe o cartão amarelo, informando Transportes Ouro Negro.

Outra vez é perceptível o uso de mais um bordão: *[...] já deitaram a moça branca, e ela está rolando, torcedor ouvinte do sul do mundo. [...]*. Quando Mário fala sobre a “moça branca”, ele está se referindo a bola que está rolando no gramado.

Estes apelidos contrastam a ideia de Barbeiro e Rangel (2006), quando os autores falam que o correto é o narrador fugir de frases e gírias que estão em desuso, como por exemplo: “ripa na chulipa”. No caso de Mário, estas frases soam de maneira suave aos ouvidos de quem acompanha o jogo, criando como foi citado anteriormente, uma marca ou um bordão, do próprio narrador.

Diferente da Rádio Gaúcha que não utiliza uma vinheta entre a transição do pré-jogo, para a bola rolando, a Rádio utiliza esta vinheta, com a assinatura do nome do narrador que está narrando. Isso confirma a ideia anterior do pesquisador analisada na narração de Pedro Ernesto Denardim.

1º tempo: 09’59 a 11’23’’ - Ih, rapaz! Ih! Olha a bobagem, olha a bobagem o Criciúma quase toma o gol que era o camisa dois, fechou, Leílson? Tava sozinho na cara do goleiro, ele o goleiro e o gol e a reeeeeeede! [Márcio Cardoso] Ééé e com isso o Leílson também joga bastante adiantado como verdadeiro ala, né! Tanto é que apareceu na frente agora, recebeu, ficou se lamentando porque acabou errando! De frente pro Luiz

ele conseguiu tocar pra fora. Safou-se a retaguarda do Criciúma, o placar continua fechado, zero a zero! Informando Bistek Super Mercados. [Mário Lima] São dez minutos da etapa inicial já perdeu uma grande chance o time do Náutico. Mas a bola é do Criciúma, é dominada pra direita pra Diogo Matheus. Arranca pro campo de ataque, finta a marcação do primeiro, mas não evoluiu. Jogou pra trás pra Rafael, deu de presente a bola. Ela caiu com Caio Rodrigues pela meia canhota, caiu, mas a bola sobrou com Ávila. É o ala que corre pelo lado canhoto, empurra pro fundo de canto, a bola bateu em cima do lateral-direito do Criciúma e saiu pela linha lateral. É posse de bola de Ávila! Avila toca a bola pela meia canhota, pro Jobson, Jobson devolveu a bola pelo meio do campo, a bola enfiada ali em direção ao Leílson, fugiu também o camisa número sete Dico, mas a bola é do goleiro Luiz. Nas maravilhas mil, que o sul maravilha...Criciúma, a cidade do tricolor, tricolão, tricolasso, também é uma delas anotem, meu cronômetro marcando! [Solta a vinheta de tempo e placar] Onze minutos decorridos da etapa inicial, onze minutos primeiro tempo aqui no estádio Heriberto Hulse, ali no gramado o placar aponta, zero para o Criciúma, zero também para o Náutico!

Percebe-se neste trecho, que Mário descreve as jogadas com muita naturalidade e muita criatividade, principalmente. Essas, são uma das características apresentadas por César (1999), para um narrador realizar uma boa transmissão esportiva. Vimos esta naturalidade, no momento em que Mário relata: *Ih, rapaz! Ih! Olha a bobagem, olha a bobagem o Criciúma quase toma o gol que era o camisa dois, fechou, Leílson? Tava sozinho na cara do goleiro, ele o goleiro e o gol e a reeeeeeede! [...]*

Ainda, observamos neste trecho a ideia proposta por Schinner (2004), sobre o ritmo de narração que o narrador tem. O autor propõe que nas emissoras de AM (mas principalmente de FM), deve-se aprender a comunicar valorizando a voz, a dicção e a cadenciar a transmissão com pausas e ritmo.

Mário tem um ritmo de narração rápido e que é só dele, partindo para um jeito mais AM do que FM de narração, afinal, como vimos na história, Mário sempre trabalhou no AM. Assim como Pedro, entre uma jogada e outra Mário repete o nome dos jogadores para facilitar a descrição da jogada e manter este ritmo rápido. Podemos ver esta situação quando o narrador descreve: *[...] É posse de bola de Ávila! Avila toca a bola pela meia canhota, pro Jobson, Jobson devolveu a bola pelo meio do campo [...]*

Outra marca registrada de Mário, é que quando está chegando a hora de registrar o tempo e placar, o narrador descreve de forma resumida a história de algumas das cidades do sul. Mário procura fazer isso, sempre com uma frase pronta: *[...] Nas maravilhas mil, que o sul maravilha...Criciúma, a cidade do tricolor, tricolão, tricolasso, também é uma delas anotem, meu cronômetro marcando! [...]* Nota-se também, que o profissional refere-se ao time do Criciúma, criando um apelido considerado carinhoso: *[...] tricolor, tricolão, tricolasso [...]*

1º tempo: 20'15'' a 22'00'' - Alinda informa! [Dênis Luciano] Final nas eliminatórias, Irlanda um, Dinamarca cinco, em Dublin na Irlanda a Dinamarca garante a sua vaga, é a trigésima seleção classificada, para a Copa. Restam apenas duas vagas na repescagem! Amanhã, sete da manhã: Austrália e Honduras, e na madrugada de quarta para quinta: Peru e Nova Zelândia, na informação, Alianda, Pisos e Azulejos! [Mário Lima] Dezenove horas, trinta e seis minutos, hora oficial do Brasil, hora brasileira de verão! A Kolina Veículos Wolkswagem convida você para conhecer o nosso novo....Polo, um carro espetacular! Conheça o nosso Show Room! A bola vai para o campo de ataque do Criciúma com Edson Borges, mergulhou, tocou de qualquer maneira por ali o Rafael Ribeiro volta, volta pela direita avança Leílson, Leílson entrega a bola curta, tocou na bola pro Caio Rodrigues, este levanta pra área, cortou Rafael Carioca, parou no peitoral de Dodi, Dodi domina no peito, coloca no terreiro, vai com a bola presa no pé direito, recua pra Rafael, passamos de vinte agora, vinte e um minutos, da etapa inicial. Caio Rangel vem buscar encomenda aqui atrás para o campo defensivo, Douglas Moreira pediu, pediu e recebeu, agora prende a bola, agora a bola volta pra Barreto, Barreto tá na cabeça da grande lua, aqui pela canhota, Giaretta pede, mais pertinho um pouquinho, ficou o Edson Borges, este pra o, o, o...João que corre ali pelo meio do campo o João Henrique, João Henrique faz o trabalho com Barreto, Barreto se mete pela meia esquerda, entrega a bola pra trás, Alex Maranhão tá procurando jogo pela meia direita, empurrou na porta do campo, na beira do gramado. A bola tá correndo pra Diogo Matheus, correu com ele o Caio Rangel, mas ele volta, volta para Alex Maranhão da chuteira laranja, levou pra perna esquerda, inverteu a jogada procura Giaretta do outro lado subiu de cabeça pra Lucão, tentou no peito, cortou, tirou de qualquer maneira o Renan, voltou, brigou pela posse da bola o João Henrique, mas a bola vai pro goleiro que faz a defesa! Diga aí, Reginaldo, é um jogo burocrático, né, sem brilho, e sem sequência?

Nota-se neste trecho, a boa utilização que Mário Lima faz de sua equipe esrpotiva, chamando seus companheiros para qualquer informação necessária que acontece no mudo da bola e também, no mundo em geral. Isso é visto, quando Mário dá a deixa para o plantonista Dênis Luciano fazer uso da palavra, para informar os gols das seleções: *Alinda informa! [Dênis Luciano] Final nas eliminatórias, Irlanda um, Dinamarca cinco, em Dublin na Irlanda a Dinamarca garante a sua vaga, é a trigésima seleção classificada, para a Copa. Restam apenas duas vagas na repescagem! Amanhã, sete da manhã: Austrália e Honduras, e na madrugada de quarta para quinta: Peru e Nova Zelândia, na informação, Alianda, Pisos e Azulejos! [...]*

Com isso, vimos diversas ideias propostas através deste trecho. A primeira ideia é a de Barbeiro e Lima (2001), onde os autores comentam que devem haver uma distinção entre narrador, repórter e comentarista, situação essa que é vista no pequeno trecho citado acima.

A segunda ideia, é a que propõe Guerra (2006), onde enquanto a TV tem um banco de dados para informar as estatísticas da partida em um pacote gráfico, o rádio oferece a prestação de serviço com informações de temperatura, hora, trânsito e tudo o que acontece no mundo, inclusive no mundo do futebol.

Podemos observar também que, Mário Lima utiliza-se de algumas gírias para identificar certas partes do jogo e do campo, fugindo muito da ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), onde os autores falam que é preciso fugir de frases que estão em desuso. Isso se percebe quando o narrador profere frases como: *[...] coloca no terreiro [...]* quando o narrador refere-se ao campo de jogo; *[...]Caio Rangel vem buscar encomenda aqui*, quando o profissional refere-se a bola.

Há um outro momento também, que Mário Lima confirma a ideia proposta por Schinner (2004), de que a narração é mais descritiva e a ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), de que narrar é apenas expor os fatos.

Mário descreve os fatos que acontecem durante o jogo, inclusive, a cor da chuteira que o jogador Alex Maranhão está calçando. Regra totalmente adversa a regra da TV, que quanto mais descritiva, maior o risco de cair na redundância por causa da imagem que é passada: *[...] A bola tá correndo pra Diogo Matheus, correu com ele o Caio Rangel, mas ele volta, volta para Alex Maranhão da chuteira laranja, levou pra perna esquerda, inverteu a jogada procura Giaretta do outro lado subiu de cabeça pra Lucão[...]*

1º tempo: 29’42 a 31’37’’ - Cobra curto, pra Diogo Matheus, cruzou de novo, bateu em alguém do...da equipe do Náutico, voltou Rafael Silva, tocou a bola pra Diogo Matheus, adiantou demais, perdeu a bola, contra-golpe, Leílson vai fugir pela direita, passou como quis pelo Barreto eeeee vai tomar cartão! Matou a jogada...não, não deu nada, né! Mas ele deu uma gravata, né Reginaldo? [Reginaldo Correa] Achei falta! [Mário Lima] Pois é! Vem João Henrique tentou! Ganhou na primeira, perdeu na segunda, recupera João Henrique, trabalha ali com a perna esquerda, tem muita habilidade na perna canhota o João Henrique e boa visão de jogo. Entregou pra Lucão, pra trás a bola, a bola enfiada ali...pra Dodi, boa abertura pra direita, pra Alex Maranhão, dominou na perna canhota, vai cruzar, bola rasante, na boca da área. Vem João Henrique, vem Lucão, Lucão ganhou pela canhota, prendeu embaixo, perdeu a bola recupera Leílson, Leílson empurra a bola longa pra Jerônimo, com ele vem Rafael Silva, ganhou Jerônimo, fez a vooolta...deu um passe de ballét, mas recebeu a entrada faltosa! [Márcio Cardoso] É, marcou a falta do Rafael Silva...[Mário Lima] Vem de novo pra cobrança ali Alex Maranhão! Deixou agora...porque essa aí não é dele aqui no meio de campo. Ele tem que se infiltrar aqui, procurar um espaço aqui pela meia canhota, na zona morta! Chegamos a marca de trinta minutos e cinquenta segundos. Tá um fi-fi-fi danado aqui com o Leílson e com o árbitro, né Márcio? [Márcio Cardoso] É! O árbitro da partida, o maotgrossense Alinor Silva da Paixão, foi lá e conversou com o número dois do Náutico, Leílson, e ele gesticulou, né! O lateral. Gesticulou também o árbitro, foi lá dar uma bronca no lateral do Náutico...[Mário Lima] Caio Rangel, pela direita, cruzou, fechado na área..IH RAPAZ! Faltou giz no taco do Léo Carioca! [Márcio Cardoso] É! Jogou o simples, né! Fez o simples não se complicou, meteu a bola na linha de fundo! Escanteio, outra vez, lado direito, outra vez Maranhão, vai pra bola, placar fechado, zero a zero, informando...Diário de Notícias! [Mário Lima] Patota do Criciúma vem pra área, vem pra bola, Alex Maranhão pé canhoto, levantou, fechadinho pra Edson Borges subiu, com...aliás, foi embora pela linha de fundo, é tiro de meta!

Neste trecho, Mário faz um breve comentário sobre o lance da falta cometida pelo meio campo Barreto do Criciúma. Mário acaba atropelando as funções propostas pela equipe de esportes, contrariando a ideia Barbeiro e Rangel (2006), quando eles falam que deve haver uma distinção entre narrador, repórter e comentarista. Em vez de o comentarista falar da falta, o próprio narrador emite a opinião para o comentarista, que confirma o que o profissional falou na sequência: *[...] Leílson vai fugir pela direita, passou como quis pelo Barreto eeeee*

vai tomar cartão! Matou a jogada...não, não deu nada, né! Mas ele deu uma gravata, né Reginaldo? [Reginaldo Correa] Achei falta! [...]

Mário tem uma linguagem recheada de gírias e jargões, contrária a ideia proposta por Barbeiro e Rangel (2006), que os autores nos relatam é preciso evitar esse tipo de recurso. Ao mesmo tempo com a utilização destas gírias, Mário se mostra um narrador criativo e com naturalidade, características citadas por César (1999). Isso acontece em três momentos.

No primeiro momento Mário usa a gíria para relatar que há uma discussão entre o meia Leílson e o árbitro Alinor Silva da Paixão: *[...] Tá um fi-fi-fi danado aqui com o Leílson e com o árbitro, né Márcio?[...]*

Depois, o narrador utiliza do jargão para referir-se ao jogador que chutou mal a bola: *Caio Rangel, pela direita, cruzou, fechado na área..IH RAPAZ! Faltou giz no taco do Léo Carioca!*

Para fechar, em outro momento, Mário usa mais uma gíria para descrever o grupo de jogadores que vem pra área buscar a jogada no cruzamento em cobrança de falta: *[...] Patota do Criciúma vem pra área, vem pra bola [...]*

1º tempo: 38'46 a 41'49'' - Alianda Pisos e Azulejos, porque pisos e azulejos tem que ser na Alianda, informando, Dênis Luciano! [Denis Luciano] Final no amistoso da seleção brasileira em Wembley, não teve muita bola, não! Não encheu muito os olhos, não! Brasil e Inglaterra: zero a zero, na informação Alianda Pisos e Azulejos. [Mário Lima] Já que você está com o microfone aberto aí Dênis Luciano, pra Satc, Faculdade Satc com conteúdo, vamos dar um passeio com a galera do tricolor, tricolão, tricolasso e a galera da Eldorado, espalhada pelo mundo afora Dênis! [Dênis Luciano] Nosso amigo Fernando Testa, sempre na escuta. O Zezinho de Siderópolis diz que a direção do Criciúma tinha que dar um saquinho de pipoca, pra esses guerreiros torcedores no estádio! O Panela, mandando um abraço pro Célio e para o Adriano que estão no Majestoso curtindo o Tigrão. O Leandro Ortolan, é torcedor do Sport Recife, está nos acompanhando para torcer para o Criciúma: Força Criciúma, vamos vencer essa Barbie que é o Náutico, diz o Leandro Ortolan. O Sandro do Pinheirinho: pra fechar com chave de ouro esse campeonato, vai perder em casa para o Náutico. Calma, Sandro! E o Edivaldo Correia da Santa Luzia, é a galera...de Satc: vem aí o vestibular agendado Satc, Mário! [Mário Lima] Que isso? Um abraço lá pro Ortolan, na cidade do Recife, ele

é torcedor do "Xport". Tá chamando o Náutico de Gazelas, mais ou menos isso, né? Um abraço pra toda a galera do Recife que está no aplicativo conosco. [...] [Mário Lima] Fazer uma sacanagenzinha ali, com o torcedor do Sport, o Náutico já foi, mas o Sport tá indo também, né o Reginaldo? Aliás, lamentável, né o Reginaldo, três times do Recife, uma grande capital de um grande futebol e de grandes torcidas, né?

Neste trecho podemos destacar duas abordagens realizadas na pesquisa, proferida por dois autores em questão: a primeira é a abordagem de Truyts (2016), quando a autora nos fala que com o crescimento da internet, o jornalista precisa se reinventar a cada dia.

Considerando esta opinião, podemos afirmar que a utilização do WhatsApp na transmissão esportiva, para as pessoas mandarem o seu recado durante a cobertura do jogo, pode ser considerada um grande recurso, a fim de estreitar o relacionamento entre rádio e ouvinte. É perceptível o recurso quando o plantonista Dênis Luciano nos fala: *[...] [Dênis Luciano] Nosso amigo Fernando Testa, sempre na escuta. O Zezinho de Siderópolis diz que a direção do Criciúma tinha que dar um saquinho de pipoca, pra esses guerreiros torcedores no estádio! O Panela, mandando um abraço pro Célio e para o Adriano que estão no Majestoso curtindo o Tigrão. O Leandro Ortolan, é torcedor do Sport Recife, está nos acompanhando para torcer para o Criciúma: Força Criciúma, vamos vencer essa Barbie que é o Náutico, diz o Leandro Ortolan. O Sandro do Pinheirinho: pra fechar com chave de ouro esse campeonato, vai perder em casa para o Náutico. Calma, Sandro! E o Edivaldo Correia da Santa Luzia, é a galera...de Satc: vem aí o vestibular agendado Satc, Mário! [...]*

Outro recurso considerado inovador e que confirma a ideia de Truyts (2016), é o uso do aplicativo de celular para ouvir a rádio. Este é um recurso que está se tornando essencial para a expansão do conteúdo da rádio, tanto que hoje, qualquer pessoa do país, pode ouvir o jogo do Criciúma, sem precisar estar na região sul de Santa Catarina, ou na região do em torno de Criciúma. Isso é comprovado, quando Dênis Luciano nos mostra, que há um ouvinte de Pernambuco, ouvindo a rádio pelo aplicativo: *[...] O Leandro Ortolan, é torcedor do Sport Recife, está nos acompanhando para torcer para o Criciúma: Força Criciúma, vamos vencer essa Barbie que é o Náutico, diz o Leandro Ortolan. [...]*

Mesmo com esse grande recurso da utilização do aplicativo para ouvir a transmissão, ainda sim é considerado raro um ouvinte de outro estado, ouvir uma transmissão como essa do Criciúma. Fato esse que pode ser comprovado, no comentário de Mário Lima:

[...] Que isso? Um abraço lá pro Ortolan, na cidade do Recife, ele é torcedor do "Xport". Tá chamando o Náutico de Gazelas, mais ou menos isso, né? Um abraço pra toda a galera do Recife que está no aplicativo conosco. [...]

Mário ainda confirma a ideia de Schinner (2004), onde o autor nos conta que uma das características para ser um bom narrador, é ter conhecimento não só da partida, mas tudo o que envolve o futebol em si. Isso é comprovado, a partir deste trecho: *[...] Fazer uma sacanagenzinha ali, com o torcedor do Sport, o Náutico já foi, mas o Sport tá indo também, né o Reginaldo? Aliás, lamentável, né o Reginaldo, três times do Recife, uma grande capital de um grande futebol e de grandes torcidas, né? [...]*

2º tempo: 00'00 a 00'31'' - Já deitaram a moça branca e ela está rolando para o segundo tempo aqui, de por enquanto...Criciúma zero, Náutico também zero! [Solta a vinheta de bola rolando] Toma a iniciativa a equipe do Capiba...do...Náutico Capibaribe lá pela direita arremesso lateral cobrado, corta, tira de qualquer maneira a zaga do Criciúma. A bola vai embora pela linha lateral é arremesso lateral, já começou na frente o time do Náutico, heim o Márcio? [Márcio Cardoso] É verdade o Mário Lima, tem um lateral ali para ser cobrado, nesse início de segundo tempo. Confirmando, viu Mário, tigre não mexeu para o segundo tempo!

Ao iniciar o segundo tempo, Mário mais uma vez expressa o seu bordão, sua marca registrada, ao relatar o início de segundo tempo, com o apito do árbitro: *Já deitaram a moça branca e ela está rolando para o segundo tempo aqui, de por enquanto...Criciúma zero, Náutico também zero! [...]*

Depois, o repórter Márcio Cardoso informa aos ouvintes que o time do Criciúma, através do técnico Beto Campos, não realizou nenhuma substituição de atleta. A atitude de Márcio confirma a ideia de Melo (2003), quando o mesmo expressa que o jornalismo esportivo é o esporte como notícia: *[...] Confirmando, viu Mário, tigre não mexeu para o segundo tempo! [...]*

2º tempo: 09'07'' a 09'35'' - Aí o Chinês não gostou, né? [Reginaldo Correa] Não! Mas tem que ter alguém pra jogar no lugar do Maranhão, heim! É impossível né, é impossível o Criciúma continuar com o Maranhão. Até quando? Maranhão só aparece na bola parada, a bola parada dele não entra, não acerta um passe, não participa do jogo, pelo amor de Deus, né? [Mário Lima] Aí o Zé que tá no camarote olhando, né:

“Nom, nom garantido no!” [Reginaldo Correa] Ah não! Pelo Amor de Deus! [Mário Lima] Feirão da Construção na Comercial Carlessi, furadeira de impacto Bosch, com maleta: dez vezes de quarenta e sete e cinquenta e nove. Tá barato demais!

Assim como Pedro Ernesto fez em um dos trechos, ao unir o útil ao agradável sugerindo aos ouvintes a comprar o produto do patrocinador, Mário também faz esta “sugestão”, ao nos informar que o produo do patrocinador está barato demais: *[...] Tá barato demais!*

Pensando nisso, logo lembramos da ideia de Schinner (2004), quando ele nos conta que o narrador se torna um comunicador social, ou seja, ao sugerir a compra do produto, o profissional acaba estreitando o relacionamento entre ele e o ouvinte.

2° tempo: 19’51’’ a 21’28’’ - Viaja a bola pro campo de ataque do Náutico, cortou, tirou a zaga do Criciúma com Diogo Matheus, entrega a bola pra direita. Pra Doulgas Moreira que tá voltando a jogar um bom futebol aqui no segundo tempo. Devolve a bola pro meio do campo, no setor defensivo com Ricardinho. Ricardinho pra Douglas Moreira, DODI, faz o controle. Leva a bola pra cabeça da roda de samba, jogou bola curta pra João Henrique, os meninos do Criciúma vão trabalhando, devolve, devolve pra Douglas, Douglas pra Caio Rangel, desce pela meia direita, infiltra-se lá pelo outro lado o Ricardinho. Giaretta vai pelo flanco, ele preferiu a bola curta, pra jogar pelo lado canhoto por aqui, tentou fazer o toque o trabalho. O Lucão tá muito recuado o Lucão, levou pra perna, direita. Tá pedindo Alex Maranhão, recebeu, ajeitou, tentou, driblou, abriu pra direita com Diogo Matheus, vai pro combate, no mano a mano, tentou passar vai levar pro fundo de campo, corre pela direita, prende embaixo, tentou fazer o giro, prende embaixo, chega pra cortar bem colocado o Luiz Henrique. Ela volta pra Douglas Moreira, Douglas Moreira...infiltrou-se pela direita com o Maranhão, cruzou na área, pro Lucão, subiu, tentou cabecear, cabeceou pra trás, veio o Giaretta pela esquerda com ele veio pra fazer o corte, o Iago que acabou de entrar, tira Iago... [Márcio Cardoso] Andrew... [Mário Lima] Diga! [Márcio Cardoso] Andrew, Mário Lima, daqui a pouquinho no Criciúma, atacante! Andrew! [Mário Lima] Nas maravilhas mil que o sul maravilha tem, Criciúma, do Parque das Nações, da Mina de visitação, do Museu Casagrande, do Rio Maina, do Comerciário, da Próspera e da Praça Nereu Ramos também é uma delas, anotem! Meu cronômetro marcando! [Solta a vinheta de tempo e placar] São passados vinte minutos etapa de complemento, vinte minutos etapa de

complemento, Catarinense Marcas e Patentes porque a sua marca é o seu maior patrimônio informa: o placar do futebol aponta aqui aos vinte e um e trinta, zeeeeeeeero a zero!

Nesta parte do jogo, vimos mais uma vez que Mário realiza a função de comentarista para fazer um breve comentário sobre o jogador Douglas Moreira, o Dodi: *Pra Doulgas Moreira que tá voltando a jogar um bom futebol aqui no segundo tempo.*

Ao mesmo tempo que não há distinção de trabalho entre narrador, repórter e comentarista, como nos afirma Barreiro e Rangel (2006), observa-se que, com a múltipla função exercida por Mário, há uma versatilidade no trabalho jornalístico de uma cobertura esportiva, como nos aponta Barbeiro e Rangel (2006). Os dois autores comentam, que o jornalista esportivo precisa ser versátil, ou seja, acumular mais de uma função nesta editoria.

Vimos também que Mário mais uma vez, utiliza a gíria para descrever uma parte do campo, que neste caso, é o círculo central do campo de jogo: *Leva a bola pra cabeça da roda de samba, jogou bola curta pra João Henrique,*

Nota-se também que Mário Lima ao descrever as jogadas passo-a-passo, acaba citando vários verbos para facilitar o ritmo de narração, - como nos fala Schinner (2004), em que o autor nos conta que no Rádio AM a narração é mais rápida, estilo metralhadora e no FM, é rápido também, porém mais cadenciado - na descrição de jogadas: *[...] Giaretta vai pelo flanco, ele preferiu a bola curta, pra jogar pelo lado canhoto por aqui, tentou fazer o toque o trabalho. O Lucão tá muito recuado o Lucão, levou pra perna, direita. Tá pedindo Alex Maranhão, recebeu, ajeitou, tentou, driblou [...]*

Além de ajudar no ritmo de narração, os verbos não deixam passar desapercebido qualquer lance da partida, até porque, pequenos detalhes podem fazer a diferença numa cobertura esportiva, como nos mostra Esaa (2003).

Por fim, o narrador repete a sua marca registrada, ao chamar o tempo e placar do jogo, ao relatar os pontos turísticos e bairros de Criciúma: *[...] Nas maravilhas mil que o sul maravilha tem, Criciúma, do Parque das Nações, da Mina de visitação, do Museu Casagrande, do Rio Maina, do Comerciário, da Próspera e da Praça Nereu Ramos também é uma delas, anotem! Meu cronômetro marcando! [...]*

2º tempo: 30’45’’ a 31’00’’ - Dênis Luciano, diga lá meu chegado, diga aí! [Dênis Luciano] Tá valendo lá no Facebook da Eldorado a escolha do craque Cliniimagem da galera, a partir de agora torcedor vota, no melhor do Criciúma em campo, no Facebook: Rádio Eldorado Criciúma, para Cliniimagem, Mário.

Há um certo companheirismo e uma certa espontaneidade, na relação entre Mário Lima e Dênis Luciano, principalmente quando Mário chama o plantonista: *Dênis Luciano, diga lá meu chegado, diga aí! [...]*

Ainda podemos observar neste trecho, a confirmação da ideia de Truyts (2016) mais uma vez, de que com o crescimento da internet, o jornalista precisa se reinventar. A escolha do craque Cliniimagem através do Facebook, pode ser considerada uma outra invenção inovadora em tempos de novas mídias, como a web: *[...] Tá valendo lá no Facebook da Eldorado a escolha do craque Cliniimagem da galera, a partir de agora torcedor vota, no melhor do Criciúma em campo, no Facebook: Rádio Eldorado Criciúma, para Cliniimagem, Mário.*

2º tempo: 46’52’’ a 48’18’’ - Aniversário premiado Bistek Supermercados. A cada cem reais em compras, troque por um número da sorte. São cinquenta chances de ganhar. Trinta e cinco vale-compras...de mil reais, dez iPhones sete plus e...e,e,e...cinco carros zero quilômetro. São muitos os prêmios do Bistek Supermercados, que faz aniversário, e essa aqui é nova, viu? O Bistek faz aniversário, mas quem ganha o presente é você, acabei da minha agência criar agora, isso aqui, viu? Coisa de louco! [...] Estamos também, em outra nova, no crepúsculo do jogo [...] Quando o juiz, cansado de tantos erros, de um futebol mau jogado levanta os braços como se estivesse pedindo perdão a Deus por ter apitado o jogo aqui, e determina fim de papo, nada mais acontece aqui, placar fechado: zero para o Criciúma, zero para o Náutico! Náutico está na segunda divisão indo pra terceira, já está com o passaporte pra terceira. O Criciúma se mantém na série B do Campeonato Brasileiro!

Percebemos neste trecho, três momentos situações que chamam a atenção: a primeira é de que Mário faz uma brincadeira para descontrair, quando lê o texto do patrocinador: *[...] O Bistek faz aniversário, mas quem ganha o presente é você, acabei da minha agência criar agora, isso aqui, viu? Coisa de louco! [...]*

O segundo, é uma outra brincadeira, com relação a palavra que ele iria utilizar a seguir: *[...] Estamos também, em outra nova, no crepúsculo do jogo [...]*. Acaba se tornando uma brincadeira, pois a palavra crepúsculo era muito utilizada pelos narradores dos anos 70 e 80, para demonstrar que estava no fim de partida.

O terceiro fato que chama a atenção, é a sinceridade com que o narrador tem, para descrever o apito final: *[...] Quando o juiz, cansado de tantos erros, de um futebol mau jogado levanta os braços como se estivesse pedindo perdão a Deus por ter apitado o jogo aqui, e determina fim de papo, nada mais acontece aqui, placar fechado: zero para o Criciúma, zero para o Náutico! [...]*

Estas três situações confirmam que o ritmo de jogo proposto pelos jogadores de ambas as equipes, estava ruim, tanto que terminou zero a zero. Através destas citações, lembramos da ideia de Barbeiro e Rangel (2006), sobre o controle emocional que se deve ter na entonação de voz, ou seja, não podemos aumentar a voz para um lance, que não condiz com a vibração do narrador.

Neste caso, aconteceu justamente o contrário. Por conta do ritmo lento de jogo, o narrador se permitiu fazer algumas brincadeira para descontrair, e utilizar-se da sinceridade para relatar que o árbitro apitou o final de jogo.

6. CONCLUSÃO

Após profunda análise, podemos considerar e concluir diversas situações pesquisadas e analisadas neste TCC.

Concluímos que o jornalismo esportivo é uma atividade informativa, que trata do esporte como notícia e que o processo na produção de notícias, é o mesmo de qualquer outra editoria.

Ainda sobre o Jornalismo esportivo, a editoria feita no rádio é a mesma feita na TV. A única diferença é que na TV, há o recurso da imagem como ferramenta na produção de notícias.

É preciso considerar que a narração futebolística na TV, tem um ritmo mais cadenciado e menos descritivo para evitar a redundância entre imagens e palavras, considerada como uma "dobradinha" na transmissão futebolística de TV. Já no rádio, a narração precisa ser mais descritiva, pois não há o recurso da imagem.

Cada narrador tem seu estilo de narração, independente do meio de comunicação em que está trabalhando, seja ele no rádio e tv. Partindo para os objetos estudados, por exemplo, Galvão Bueno tem um jeito mais "comentarista'' de narrar, ou seja, mais comenta e conversa com sua equipe do que narra. Giovani Martinello, tem um jeito de narrar que parece que está conversando com a pessoa que está vendo o jogo pela TV, lembrando um pouco até o jeito de narrar de Sílvio Luiz, porém com a diferença de que Giovani não utiliza jargões ou gírias para descrever um lance, como Silvio Luiz faz com frequência em suas transmissões.

No rádio, percebe-se que Pedro Ernesto tem um ritmo de narração forte e impactante, possuindo um tom mais "bairrista" em sua transmissão, por se tratar de um jogo do time do Rio Grande do Sul (leia-se Grêmio), estado pelo qual ele reside e trabalha. Por fim, Mário Lima da Rádio Eldorado de Criciúma tem um ritmo de narração original que só ele tem, recheado de gírias e jargões em sua linguagem, totalmente rebuscada, lembrando os locutores esportivos dos anos 70 e 80.

As narrações no rádio são realizadas de maneira que partem do princípio melodramático, seja ela em uma descrição do lance mais simples ou mais rebuscada. Com isso, os narradores mexem com a imaginação do ouvinte e dependendo dos casos, mexem com a emoção de quem está ouvindo.

Podemos observar ainda que além de estudar sobre o evento futebolístico, o improviso se torna uma das ferramentas principais para descrever o lance, seja ele em rádio e TV.

Por fim, confirmamos ainda que o crescimento das ferramentas utilizadas na internet (leia-se redes sociais e aplicativos de rádio) tem ajudado na expansão das transmissões futebolísticas de rádio, fazendo com que, não só pessoas da cidade onde está sendo realizado o jogo ouçam a partida, mas pessoas que estão em outros estados também. Isso tem ajudado também, na audiência dessas transmissões futebolísticas e na criação de novos recursos de interações, entre o ouvinte e a emissora de rádio, para estreitar o relacionamento de ambos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÀFICAS

ATHAYDES, Andréia; STOSCH, Sérgio (Org). **A história do Rádio porto-alegrense contada por quem faz.** Canoas, RS: ULBRA, 2008

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalista Esportivo.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BISTANE, Luciana, BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV ed.2.** São Paulo: Pallotti, 2005.

BLOG TERCEIRO TEMPO. **Pedro Ernesto Denardin.** Disponível em http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/pedro-ernesto-denardin-5320. Acesso em: 26 mai 2017.

CAMARGO, Vera R.T. **Comunicação e esporte – tendências.** Santa Maria:

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio:** prática de locução AM e FM. Dicas e Toques. 7. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999

CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Contexto, 2011.

CORREA DE CAMPOS, Dinael. BAPTISTA, Maklim Nunes. **Metodologias de pesquisa em ciências:** análises quantitativa e qualitativa. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTF, 2007.

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia. Pistas para percibir el mundo.** Barcelona: Paidós, 1993. In PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. 3. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GASTALDO, Édison. **Narrando o fracasso:** a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom*)*, 24., 2001, Campo Grande. **Anais**...Campo Grande: UFMS, UNIDERP, UCDB, 2001

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor.** Rio de Janeiro, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003

LIMA, Luiz André Correia. **Rádio e rádiojornalismo:** Características, programação e técnicas gerais de produção e apresentação. Londrina: Editora UEL, 2001

LINHARES, Marcos. **Nos bastidores do jornalismo esportivo**: a magia da cobertura esportiva mundial. 1. ed. São Paulo: Celebris, 2006.

MALULY, Luciano. **O jornalismo esportivo e a técnica de reportagem.** In: CAMARGO, Vera Regina; CARVALHO, Sérgio; MARQUES, José Carlos. **Comunicação e esporte**
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo brasileiro.** 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARQUES, José Carlos (Org.). **Comunicação e esporte**: diálogos possíveis. São Paulo: Artcolor, 2007. 183 p. In: VENDITE, Caroline Colucio; VENDITE, Laércio Luis e PALOMBO, Alan Pascoal. **A mídia e os recursos aplicados às transmissões de futebol.** São Paulo: Artcolor, 2007, p. 165-166.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MEMÓRIA GLOBO. **Galvão Bueno**. Disponível em http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/galvao-bueno/trajetoria.htm. Acesso em: 26 mai 2017.

MONTEIRO, Bruno. **A emoção do futebol**; uma análise das transmissões esportivas no rádio e na televisão. Rio de Janeiro: Monografia Pontifícia Universidade Católica, 2014.

MONTEIRO, E. G. **A Experiência do Rádio na Formação do Narrador de Futebol Televisivo** – Universidade Norte do Paraná- UNOPAR , publicado no Intercom 2007.

MOTA, Alexandre de Medeiros. **O TCC e o fazer científico:** da elaboração à defesa pública. 2ª ed. rev. Tubarão: Ed. Copiart, 2015.

PORTAL DOS JORNALISTAS **Giovani Martinello** Disponível em http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/giovani-martinello/. Acesso em: 10 nov 2017.

PROJETO VOZES DO RÀDIO – JORNALISMO FAMECOS/PUCRS. **Mário Lima / Entrevista completa.** Disponível em http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/mario-lima-entrevista-completa/. Acesso em: 26 mai 2017.

QUE CONCEITO. **Jornalismo**. Sao Paulo. Disponível em: http://queconceito.com.br/jornalismo. Acesso em: 29 out 2017

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico: dicas para fazer telejornalismo com qualidade.** São Paulo: Limiar, 1996.

RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio de Oliveira. **O rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Ed. Juizforana, 2012.

REDE GLOBO. **Após 16 anos na RBS TV, Giovani Martinello parte para novo desafio.** Disponível em http://redeglobo.globo.com/sc/rbstvsc/noticia/2015/07/apos-16-anos-na-rbs-tv-giovani-martinello-parte-para-novo-desafio.html. Acesso em: 10 nov 2017

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial.** São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Ferramentas).

SALVIANO, Ayne Regina Gonçalves. **Jornalismo Esportivo.** Disponível em http://mundodosjornalistas.blogspot.com.br/2010/08/jornalismo-esportivo.html. Acesso em: 30 jun 2017.

SIGNIFICADOS. Significado de jornalismo. São Paulo. Disponível em: https://www.significados.com.br/jornalismo/. Acesso em: 29 out 2017

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar** – O Rádio Esportivo em São Paulo. 45ª ed. São Paulo: Summus, 1994.

TRUYTS, Melissa de Lima. **Jornalismo esportivo: ensino, aprendizagem e conceitos.** São Paulo. Revista AlterJor, 2016.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo**: relatos de uma paixão. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.